

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**PALOMA SÁ DE CASTRO CORNELIO**

**REISADO CARETA:**  
brincadeira para louvar Santo Reis

São Luís  
2009

**PALOMA SÁ DE CASTRO CORNELIO**

**REISADO CARETA:**

brincadeira para louvar Santo Reis

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais com especialização em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti.

São Luís

2009

Cornelio, Paloma Sá de Castro

Reisado Careta: brincadeira para louvar Santo Reis/Paloma Sá de Castro Cornelio.- São Luís, 2009.

80 f.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientador: Sérgio Figueiredo Ferretti.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2009.

1. Cultura popular – Caxias – Maranhão 2. Festa 3. Ritual 4. Reisado Careta

CDU 394.2 ( 812.1)

**PALOMA SÁ DE CASTRO CORNELIO****REISADO CARETA:**

brincadeira para louvar Santo Reis

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais com especialização em Antropologia.

Aprovada em 23 / 07 / 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Madian de Jesus Pereira Frazão  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Mundicarmo Maria Rocha Ferretti  
Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho a Santo Reis e seus devotos que com fé e alegria festejam todos os anos apesar da dureza do dia-a-dia.

## AGRADECIMENTOS

À minha amada família, por tudo.

À Jandir Gonçalves, pela generosidade.

À todos os integrantes do “Caretá Encanto da Terra”, pela acolhida.

À Dona Nair, Dona Martinha e Dona Filomena, pelas conversas.

Ao Pelé e ao Zé Luís e família, pelas caronas.

À Madalena e a Conceição, pelo carinho.

Ao Mestre Patinho, Erlene, Alaíde e Áurea, pelo colo.

À Joíza Maria, pelo teto.

À todas e todos da Estrela Brilhante e da Fraternidade Colibri, pela força.

Ao Totó, Michele, Mariana, Helena, Zé Filho, Raquel, Flávia, Lucimara, Ana Paula e Maíra, pelo companheirismo e soluções práticas.

À Lúcio Enrico Attia, Mônica, Beatriz Arosa e a Andréa Bastos, pela amizade e o suporte técnico.

À Juliana Manhães, por me apresentar as “coisas” do Maranhão de forma tão especial.

Meus sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti, pela sabedoria e respeito com os quais me orientou nessa árdua tarefa de gerar uma vida e uma dissertação, ao mesmo tempo.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

À FAPEMA pelo auxílio financeiro parcial para o desenvolvimento desta pesquisa.

“Boi, boi, boi  
Boi da cara preta  
Pega essa menina  
Que tem medo de careta.”  
(Domínio Público)

## RESUMO

Análise do folguedo Reisado Careta, com música, dança, canto e poesia; realizado por agricultores da região do Médio Itapecuru, sertão leste do Maranhão, especialmente na cidade de Caxias. O Reisado Careta é uma festa para louvar Santo Reis e acontece em forma de jornada que simboliza o caminho feito pelos Três Reis do Oriente desde a noite do dia 25 de dezembro, data do nascimento de Cristo Jesus até o dia 06 de janeiro, quando os Reis chegaram a Belém. As personagens representadas na brincadeira variam entre seres animais (burrinha, boi, galo, ema, babau), humanos (Nega-véia) e fantásticos (jaraguaia, os caretas), entre outros conforme cada grupo de brincantes apresentar. Os instrumentos também variam entre sanfona, rabeca, banjo, viola, pandeiro, triângulo e tambor. Criação cultural de uma comunidade é baseada em suas tradições.

**Palavras-Chaves:** Cultura Popular. Festas. Ritual. Reisado. Careta.



## ABSTRACT

Analysis of mirth Reisado Careta, with music, dance, singing and poetry, performed by farmers of the Middle Itapecuru, wilderness east of Maranhão, especially in the city of Caxias. The Grimace Epiphany is a feast for kings and Holy praise is in the form of journey that symbolizes the path made by the Three Kings of Orient since the night of December 25, date of birth of Jesus Christ until the day 06 of January, when Kings came to Bethlehem. The characters represented in the game vary between humans animals (donkey, ox, rooster, emu, babau), human (Nega-vein) and fantastic (jaraguaia, the faces), among others as each group brincantes present. The instruments also vary between accordion, fiddle, banjo, guitar, tambourine, triangle and drum. Creation of a cultural community is based on their traditions.

**Keywords:** Popular Culture, Parties, Ritual, *Reisado. Careta.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

p. 1- Máscara de careta do grupo "Careta Encanto da Terra", Caxias, MA. ....	76
2- Babau do grupo "Careta Encanto da Terra", Caxias, MA. ....	76
3- Burrinha dançando no terreiro. ....	77
4 – Nega-Véia dançando no terreiro. ....	77
5- Brincantes no caminhão, de Campos de Belém para Lagoa Feia. ....	78
6- Sebastião Chinês, em frente a uma casa que anuncia em sua parede a realização de uma festa para <i>Santo Reis</i> , no dia 05 de janeiro. ....	78
7- Promesseira em frente ao altar, com a bandeira de <i>Santo Reis</i> , do "Careta Encanto da Terra", segurando a tradicional imagem dos Reis entregando seus presentes ao menino Deus.....	79
8- Leilão do festejo do dia 06 de janeiro de 2008, em Campos de Belém. ....	79
9- Dona Nair, rezadeira e dona de "Reisado Careta" na Barra do Inginga, MA e sua rabeça	80
10- Foliões da Divindade de Campos de Belém, Caxias, MA.....	80

## SUMÁRIO

	p.
1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CULTURAS POPULARES E FESTAS .....	18
2.1 As culturas populares .....	18
2.2 As festas .....	21
2.3 Os rituais.....	24
2.4 Os folguedos folclóricos.....	26
2.5 Reisados.....	29
2.6 Caretas.....	32
3. O REISADO CARETA DE CAXIAS .....	37
3.1 Caxias, sertão do Maranhão: um panorama da região.....	37
3.2 O Reisado Careta.....	39
3.3 Religiosidade na brincadeira.....	52
3.4 A diversidade na forma de se apresentar .....	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS .....	75

## INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, aplicaremos o estudo ritual a um caso específico, o Reisado Careta. Foram fundamentais para essa dissertação a colaboração dos integrantes do grupo “Careta Encanto da Terra”, de Sebastião Chinês, com sede no bairro Campos de Belém, da cidade de Caxias, na região leste do Maranhão. Apesar de morarem na cidade, são trabalhadores rurais. Colocam linhas de roça<sup>1</sup> em terrenos partilhados com outros agricultores, em interiores próximos. Suas rendas dependem da quantidade de arroz, feijão, milho, mandioca, maxixe, quiabo, tomate, ou o que mais plantarem e colherem em cada estação. As mulheres se dedicam à colheita, quebra e extração do azeite e do coco de babaçu. Alguns possuem poucos animais como porco e galinha, que engordam apenas para consumo próprio.

Efetivado no período natalino, os Reisados estão relacionado ao mito de origem cristã dos Três Reis Magos. Encontramos festividades de louvação aos Santos Reis, em quase todo território nacional e em grande parte do mundo. Na Bíblia Sagrada, Novo Testamento, Mateus (2,1-12) relata que os reis Gaspar, Baltazar e Melchior foram do oriente a Jerusalém levar presentes ao menino Jesus que acabara de nascer tendo como guia uma estrela. Levavam ouro, incenso e mirra. Chegaram a Belém da Judéia no dia 06 de janeiro, data em que se comemora até hoje o dia dos Santos Reis do Oriente, ou como é denominado em nosso campo de estudo: “*Santo Reis*”.

No Brasil, encontramos festividades para louvar *Santo Reis* em diversos formatos e nomenclaturas, como por exemplo: Reisado Careta, Bois de Reis, Folia de Reis, Cavalo Marinho, entre outras. Dão-se principalmente para o pagamento de promessas ou herança familiar. Como é recorrente nas culturas populares, estão repletas de comicidade. São rituais onde o profano e o sagrado andam juntos, festas que acontecem para a comunicação das pessoas entre si e com o sobrenatural. Marcam a passagem de um ano para o outro, portanto, vêm renovando a esperança de dias melhores, na fé do catolicismo popular também veiculado aos cultos de origem afro-brasileiros e ameríndios.

---

<sup>1</sup> Nome da medida da terra em braços, utilizado na região e em quase todo o estado do Maranhão.

Meu interesse em estudar o Reisado Careta começou nas férias de julho do ano de 2005 na cidade de São Luís. Natural do Rio de Janeiro estava conhecendo a capital do Maranhão. Havia desembarcado em 29 de junho, dia de São Pedro, feriado local. Amigos foram me buscar no aeroporto e me levaram direto para o “Arraiá do Renascença”, onde tive o prazer de presenciar a apresentação do “Boi de Maracanã”, um dos mais destacados grupos de Bumba-meu-boi no Maranhão<sup>2</sup>. No dia seguinte, fui ainda pela manhã acompanhar o Dia de São Marçal, no “Encontro de Bois do João Paulo” que reunia muitos grupos de Bumba-meu-boi da ilha de São Luís, com destaque para o sotaque de matraca<sup>3</sup>.

Tive a oportunidade de acompanhar por uma semana a Festa do Divino Espírito Santo da “Casa Fanti-Ashanti”, dirigida por Pai Euclides, realizada na primeira semana de julho de 2005; assisti a festa de Vomissã (também conhecida como Ana de Força, Nanã ou Santana), no terreiro “Pedra de Encantaria”, dirigido por Jorge Itaparandi e frequentei as rodas de capoeira de Mestre Pato<sup>4</sup> e seus discípulos. Tudo se passa em um ambiente familiar, pois os componentes compartilham uma história de vida, já que os encontros (festivos, brincantes e religiosos) são o ápice de todo um ano de convivência e dedicação.

Mais adiante, pude assistir as apresentações dos grupos folclóricos fora de seu contexto ritual. A diferença do comportamento dos grupos em seu lugar de origem para o lugar de apresentação, os arredores e o próprio palco para show, onde aparece claramente a separação entre platéia e atração é visível. Ocupei então o papel de espectadora, dos espetáculos de caráter efetivamente turístico, onde os grupos recebem cachês para se apresentarem, como as atrações do projeto “Vale Festejar”<sup>5</sup> e “Reviver”<sup>6</sup>. Como demonstra Ferretti, S. (2002:30), atualmente no Maranhão como em outras partes do país, o folclore passa a ser encarado como mais um serviço que é oferecido ao turista, provavelmente pelo

---

<sup>2</sup> Sobre o Bumba-meu-boi no Maranhão ver Carvalho, M. (1995), Prado (2007), entre outros.

<sup>3</sup> Instrumento musical feito de madeira que o brincante toca batendo uma contra a outra, se apresentam sempre em pares e tem o formato retangular. Seu tamanho pode variar, chegando a ter até mais de um metro de comprimento. Nesse mesmo dia fui presenteada com um par, demonstração da receptividade dos moradores locais.

<sup>4</sup> Sobre a festa do Divino no Maranhão ver Ferretti, S. (1995), Pacheco, Gouveia, Abreu (2005) e Barbosa (2006); sobre a “Casa Fanti- Ashanti” ver Ferreira (1987) e Ferretti, M. (2000); sobre o terreiro “Pedra de Encantaria” ver Antônio Honady Furtado Cunha (2002) e sobre o mestre Pato ver Ferreira (2007), Vaz (2007), Aranha (2008) entre outros.

<sup>5</sup> Patrocinado pela empresa Vale do Rio Doce, acontece no mês de julho no Convento das Mercês, no centro histórico de São Luís, reunindo grupos de Bumba-Meu-Boi, Dança Portuguesa, Cacuriá, Tambor de Crioula, Dança do Lelê, Dança do Carçoço de Tutóia, entre outras.

<sup>6</sup> Projeto para “revitalizar” o Centro Histórico de São Luís.

interesse das autoridades governamentais em localizá-lo como mais uma fonte de divisas para os Estados.

Enquanto no primeiro, o evento folclórico está integrado em um acontecimento mais amplo e que lhe dá sentido não só cerimonial, como social, em seus níveis mais profundos, no segundo, o evento está desligado de um contexto também ritualizado e mais amplo e, conseqüentemente, perde normas e modos de atuação específicos de um ritual. (BRANDÃO apud FERRETTI S., 2002:30)

Através do viés turístico que tomei conhecimento da manifestação que viria a ser o objeto da pesquisa do presente trabalho. Foi em uma visita à “Casa das Festas”, do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, localizado no Centro Histórico de São Luís do Maranhão onde pude observar o material de uma manifestação que jamais tivera notícia: o Reisado dos Caretas. Na exposição permanente da Casa, que como o nome demonstra, retrata as festas populares do Estado, há uma parte destinada a essa brincadeira do ciclo natalino. Fiquei bastante surpresa e interessada, afinal não tinha conhecimento de que havia reisado no Maranhão, já que os órgãos responsáveis pela veiculação do estado na mídia me parecem mais interessados em divulgar outras manifestações das culturas populares locais.

Fui à “Biblioteca do Folclore”, do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho tentar obter mais informações sobre o Reisado Careta e o pesquisador Jandir Gonçalves<sup>7</sup> informou que as peças haviam sido coletadas em 1993, no sertão do Maranhão, região leste do estado, Médio Itapecuru e Médio Parnaíba, nos municípios de Aldeias Altas, Caxias, Matões, Parnarama e Timon. Ele, gentilmente me mostrou três trabalhos que abordam o tema. A monografia do curso de jornalismo da UFMA, vencedora do II Concurso de Folclore promovido pela Fundação Cultural do Maranhão, escrita por José Ribamar Guimarães Corrêa (1976), com fotos de Murilo Santos; o cd “Maranhão de Natal” (Careta, 2001), produzido pela mesma FUNCMA, contendo três faixas gravadas pelo grupo Caretas “Reisado Encanto da Terra”, de Caxias e o livro “Brinquedos Encantados”, de Albani Ramos (2003), com algumas imagens dos Caretas. Eram os únicos registros disponíveis sobre esse reisado no Maranhão.

Devido ao fato de eu já vir estudando com apoio da Faperj e orientação de Maria Laura Cavalcanti, sob o âmbito de uma iniciação científica do curso em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma outra manifestação da cultura popular brasileira

---

<sup>7</sup> Desenvolve trabalhos de pesquisa e documentação fotográfica de manifestações populares. Chefe da Casa de Nhozinho / CCPDVF/ Secretaria de Estado da Cultura-MA.

que acontece também no período natalino, o Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco, fiquei muito interessada em saber mais sobre aquela brincadeira que escapa da massiva divulgação dos festejos juninos da região maranhense. Acreditei que seria enriquecedora a iniciativa de pesquisar sobre o Reisado Careta no Maranhão.

Indo ao encontro a Pierre Bourdieu (1989:9), para quem “todos os nossos conhecimentos devem ser baseados na observação”, optei por tentar a seleção do curso de mestrado no estado onde está localizado meu objeto de estudo, o Maranhão. Na tentativa de melhor perceber suas condições sociais, considerei importante essa inserção, na intenção de superar os estereótipos imagéticos acerca do Norte-Nordeste que estão inseridas no pensamento intelectual brasileiro, e que como observa Albuquerque Júnior (2006:21), “passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram certas imagens e clichês desta região”. Assim, passei a residir na capital São Luís, em fevereiro de 2007.

No período de março de 2007 a abril de 2008, tive a oportunidade de fazer cinco viagens para visitar alguns grupos de Reisado Careta, sendo duas delas na companhia de Jandir Gonçalves, que vem acompanhando a brincadeira há mais de dez anos. Além do fato dele ter sido o curador da exposição que me mostrou alguns elementos da manifestação, ele foi a pessoa que me levou aos lugares onde moram os brincantes. Tendo em vista que grande parte dos grupos é formada por famílias que residem em povoados bastante carentes de infraestrutura como energia elétrica, saneamento básico, transportes públicos diários, entre outras, fica evidente que eu jamais conseguiria chegar até lá em tão pouco tempo, sem a generosidade de Jandir. Inclusive porque nas sedes dos municípios é raro encontrar alguém que saiba dar informação sobre a brincadeira, a grande maioria da população ou nunca ouviu falar nos caretas, ou pensa que não existem mais.

Em março de 2007, nós dois estivemos por apenas um dia em Caxias, para acompanhar a visita de cova<sup>8</sup> do Careta de Seu Manoel Romão, em homenagem aos sete anos de sua morte. Tínhamos a intenção de assistir a brincadeira do Reisado, mas a viúva só conseguiu organizar os brincantes do Bumba-meu-boi do falecido marido. Em agosto de 2007, passei dois dias na cidade, onde tive oportunidade de conversar com Dona Nair, Dona Martinha (ambas donas de grupos de Reisado Careta) e com integrantes do grupo “Reisado

---

<sup>8</sup> Quando o dono ou algum integrante do Reisado Careta falece, a família tem o costume de levar o grupo para brincar no cemitério, no dia do aniversário de morte do falecido ou durante a jornada para *Santo Reis*, em frente á sua cova. Mais informações no terceiro tópico desta dissertação.

Encanto da Terra”, que na ocasião fizeram uma apresentação com versos, músicas, instrumentos, bonecos, máscaras e fardas, para eu assistir. Já em novembro de 2007, visitei interiores e cidades da região do Médio Itapecuru onde tive a oportunidade de conhecer os donos e o material de sete grupos diferentes. Fui acompanhando Jandir Gonçalves, que estava organizando uma exposição para a “Casa do Maranhão”, localizada na capital, veiculada à “Casa de Nhozinho”.

Após essa viagem, eu escolhi acompanhar o grupo “Reisado Encanto da Terra”, coordenado por Sebastião Rodrigues dos Santos, o Chinês, morador do bairro Campos de Belém, localizado na cidade de Caxias. Essa escolha deveu-se ao fato de esse ser o único grupo, que tive conhecimento, que estende sua jornada entre as noites de 24 de dezembro a 06 de janeiro, descansando somente nas noites de 25, 31 de dezembro e 01 de janeiro. Então, achei que seria mais proveitoso para a compreensão da manifestação, o acompanhar de pelo menos essas onze noites. Em dezembro de 2007 acompanhei o grupo na jornada das noites de 24, 26, 27, 28, 29 e 30 de dezembro, 01 (que nesse ano aconteceu no povoado chamado Lagoa Feia), 02 e 06 de janeiro de 2008. Fiquei hospedada na casa e sede do grupo durante esse período. Em março de 2008 retornei para mais uma conversa e em julho de 2009 voltei para lhes entregar o presente trabalho.

Considero importante esclarecer que apesar do desejo de acompanhar outros grupos localizados nos interiores dos municípios do Médio Itapecuru, podendo assim acompanhar mais de perto sua diversidade, isso não foi possível, durante o período da pesquisa. Portanto as considerações expressas aqui estão baseadas nas observações de apenas um grupo e não pretendem de forma alguma serem generalizantes. Certamente, para uma análise mais densa serão necessários vários períodos de convivência com os brincantes, a brincadeira e seu universo. Entretanto, apresento algumas reflexões que espero possam contribuir de alguma forma para os estudos das culturas populares brasileiras, pelo ineditismo do tema, e principalmente para àqueles que dela fazem parte.

No tópico dois fiz um apanhado sobre as categorias que utilizei no decorrer da dissertação, tais como cultura popular, festas, ritual, folguedos folclóricos, reisados e caretas. Baseando-me nas referências bibliográficas, esses temas foram abordados de forma sucinta e sistemática, servindo de base para a análise da estrutura da festa que está localizada no tópico três. Neste terceiro tópico, fiz primeiramente um pequeno histórico da cidade de Caxias, local



onde está localizado o principal grupo com quem trabalhei. Depois, apresento o Reisado Careta em seus múltiplos aspectos. Discorro sobre suas especificidades, como cantigas, coreografias, adereços (como a bandeira branca pintada com a imagem do santo) e indumentárias, como a careta (que dá nome à manifestação) e personagens. Abordo a dimensão religiosa da festa, que é muitas vezes feita como pagamento de promessa e apresento as diversas formas de apresentação da brincadeira. Nas considerações finais, abordo as transformações que ocorrem derivadas do período limar que o ritual proporciona e no anexo exponho algumas fotos registradas por mim durante a pesquisa.

## 2- CULTURAS POPULARES E FESTAS

Com o intuito de analisar o Reisado Careta, optei por apresentar inicialmente certas categorias com que irei trabalhar. Fiz uma rápida síntese das várias noções de “cultura” existentes, baseadas nas referências bibliográficas. Discuto seu uso no plural e suas supostas subdivisões, como por exemplo, em popular e de elite. A palavra “cultura” foi usada com diversos sentidos pelos interlocutores do trabalho, portanto senti a necessidade de conceitualizá-la nesse tópico. Decidi por abordar esse tema também pelo fato da pesquisa girar em torno de grupos que alcançam notoriedade principalmente por suas manifestações culturais, festas, rituais e folguedos folclóricos.

Pude perceber que os integrantes do grupo “Reisado Encanto da Terra”, sempre se referiam aos funcionários públicos vinculados à “cultura”, seja do Ministério, do Governo ou da Prefeitura como “o povo da cultura”. Também assim denominavam os pesquisadores e fotógrafos que se interessavam por sua brincadeira devocional, muitas vezes não sabendo diferenciá-los nas suas respectivas funções. Por outro lado, os brincantes que participam do Reisado Careta são mencionados pelo “povo da cultura” como “os representantes da cultura popular”, o que demonstra uma distância enorme ou até mesmo um desconhecimento recíproco entre os diversos níveis que a “cultura” engloba.

### 2.1 As culturas populares

Na contemporaneidade há certa dificuldade em conceituar o que vem a ser “cultura”. Há a noção que indica que é o acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas, com a qual não iremos trabalhar. Interessa-nos as principais narrativas sobre “cultura”, analisadas por Canclini (2007:43-47).

- 1) Cultura como a instância em que cada grupo organiza a sua identidade.
- 2) Cultura como a instância simbólica da produção e reprodução da sociedade.
- 3) Cultura como uma instância de conformação do consenso e da hegemonia, ou seja, de configuração da cultura política e também da legitimidade.
- 4) Cultura como dramatização eufemizada dos conflitos sociais.

As quatro vertentes não estão desconectadas. Através de qualquer uma delas, podemos chegar ao que expressa melhor a concepção de cultura que adotamos aqui.

Concordamos com Canclini (2007: 45), quando afirma que não podemos retornar à velha definição antropológica que identifica a “cultura” com a totalidade da vida social afinal, “todas as práticas sociais contêm uma dimensão cultural, mas nestas práticas sociais nem tudo é cultura”. Os processos culturais não são apenas o resultado de uma relação de *cultivo*, de acordo com o sentido filológico da palavra cultura pois nos apropriamos de outros repertórios disponíveis em outras partes do mundo. Só por um artifício metodológico-analítico podemos distinguir o cultural daquilo que não é.

Segundo Ferretti (2007:1), “cultura relaciona-se com o imaterial, o espiritual, a liberdade de expressão, criatividade e mudança”. Quando numa sociedade se joga, se canta ou se dança, fala-se de outras coisas, não é só daquilo que se está fazendo explicitamente. Somos habituados a fazer uma dramatização simbólica do que nos está acontecendo, por isso temos religiões, festas, teatro, artes plásticas, cinema, canções e esportes. Porém, a eufemização dos conflitos sociais não se faz sempre da mesma maneira nem se faz ao mesmo tempo em todas as classes. Travassos (1997) observou a presença da tensão, cunhada como “paradoxo do primitivismo”, que sintetiza a relação entre o “eu civilizado” e o “outro primitivo”, por meio de um jogo de ausência e presença de qualidades culturais.

Para Bakhtin (1999:3), a concepção estreita do caráter popular e do folclore, nasceu na época pré-romântica e foi concluída essencialmente por Herder. O neologismo anglo-saxão *folk-lore*, foi criado pelo etnólogo inglês William John Thoms, em 1848. Segundo Burke (2005:29), a idéia de “cultura popular” ou *Volkskultur* se originou no mesmo lugar e momento que a de “história cultural”: na Alemanha do final do século XVIII. O autor acrescenta que canções e contos populares, danças, rituais, artes e ofícios foram descobertos pelos intelectuais de classe média que valorizavam a diferença e a particularidade, no movimento que foi denominado de Romantismo. “Arte” foi considerada um termo inadequado e acrescido de adjetivos como popular, primitiva, ingênua. Como coloca Boas no seu livro *Primitive Art* (1927), cada cultura pode ser entendida através de sua própria experiência, determinada pela história, geografia e o social local. Até mesmo as mais pobres tribos têm produzido trabalhos que lhes dão satisfação estética, não importa quantas idéias diferentes de beleza, possam existir.

Oliveira, M. (2004:2), em sua dissertação sobre o Cavalo Marinho, reisado de Pernambuco, afirma que o principal motivo estético para o Romantismo seria uma reação contra o Classicismo, excessivamente normativo, e também contra o Iluminismo, com sua ênfase na razão. Para José Jorge Carvalho (2000), simultaneamente, era erigido o ideal de cultura clássica e erudita, sendo útil a união entre ambos tanto para elevar a tradição popular quanto para legitimar a universalidade da tradição erudita. Cavalcanti (1998:296) lembra que os Antiquários, foram os autores dos primeiros escritos que, nos séculos XVII e XVIII, retrataram os costumes populares.

No Brasil, uma ampla movimentação em torno do folclore iniciou-se na década de 1950, reunindo nomes como Cecília Meireles, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Artur Ramos, entre outros, e foi designado como Movimento Folclórico, como demonstra Cavalcanti (1998:297). Essa trajetória histórica que começa, pelo menos, com Sílvio Romero no final do século XIX, está bem expressa na Carta do Folclore Brasileiro, de 1951. O mesmo clima intelectual gerado em torno da Carta (que levou, mais tarde, à criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro), esteve também por trás da Carta del Folclore Americano, escrita em Caracas em 1970 por um grupo de folcloristas de vários países da América Latina (Carvalho, J., 1991:5).

Conforme Burke (2005:31), a ascensão do interesse pela cultura popular na década de 1960 coincidiu com a ascensão dos “estudos culturais”, seguindo o modelo do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, dirigido por Stuart Hall. O sucesso internacional do movimento pró-estudos culturais sugere que ele atendeu a uma demanda, correspondeu a uma crítica à ênfase sobre a alta cultura tradicional dada pelas escolas e universidades, e também satisfaz a necessidade de entender o cambiante mundo de mercadorias, publicidade e televisão.

Segundo Bakhtin (1999), existe uma influência recíproca ou uma circularidade entre a cultura das classes subalternas e a das classes dominantes, que funcionou segundo o autor, especialmente durante a Idade Média e até a metade do século XVI. Canclini fala em culturas híbridas e Burke em hibridismo cultural e outros falam em sincretismo cultural e em multiculturalismo (Kippenberg apud Ferretti, 2007:2-3). Para Cavalcanti (1998:297), cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos

homens às coisas. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas culturas popular, erudita, ou de massa, e mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais.

Teremos de novo que qualificar essa noção generalizadora de cultura popular, para compreender em que distingue, enquanto produto, um programa de auditório de TV de uma folia de reis ou de uma peça de pagode, por exemplo. A crítica às taxonomias e classificações pode ser válida em muitos casos, mas permanece o problema de como fazer distinções e traçar limites entre processos e formas que, certamente, não se confundem. (CARAVALHO, J.,1991:7)

Acreditamos que o termo “culturas populares”, no plural, seja atualmente mais eficiente para abordar o tema. Apesar de os termos “cultura” e “popular” ainda serem bastante polêmicos e contraditórios, suas definições são de extrema importância para a compreensão do que estamos tentando analisar. Quando a colocamos no plural, tentamos nos aproximar da vasta dimensão que os termos abrangem e mais ainda das múltiplas funções à que estão relacionados.

A cultura é o cenário em que adquirem sentido as mudanças, a administração do poder e a luta contra o poder. Os recursos simbólicos e seus diversos modos de organização têm a ver com os modos de auto-representar-se e de representar os outros nas relações de diferenças e desigualdade, ou seja, nomeando ou desconhecendo, valorizando ou desqualificando. (CANCLINI; 2007:46)

Existem diversas culturas e não “a cultura”. As relações entre as culturas populares, as culturas eruditas e as culturas de massa, são bem diversas. Todos somos consumidores e produtores de algum tipo de cultura. Segundo Bourdieu (1989), as diferentes classes são determinadas pelo capital cultural, capital econômico e capital social. Ao mesmo tempo em que os principais eixos de discriminação derivam da etnia, gênero e classe. Porém, tudo passa por uma questão de luta pelo poder. Sujeitos históricos privilegiados podem escolher que tipos de cultura querem produzir e consumir.

## 2.2 As festas

Constituiriam as festas sociabilização ou controle social? Resistência ou dominação? Promoção do espírito revoltoso ou válvula de escape? Momento propiciador de identidade e coesão étnica ou consolidação dos instrumentos de mando? Elemento pacificador de tensões ou ensaio para a revolta? Representação da economia afetiva entre mando paternal e obediência filial ou símbolo da memória coletiva de um grupo? (OLIVEIRA, M., 2006: 23)

As festas vêm sendo objeto de estudo de importantes intelectuais brasileiros (Cavalcanti, 1994; DaMatta, 1979; Ferretti, 2007; entre outros). Muitas delas seguem as datas

de um calendário litúrgico. No Maranhão, temos como exemplos as festas do Divino Espírito Santo, que geralmente acontecem a partir do mês de abril ou maio dependendo da localização do Domingo de Pentecostes; o Bumba-meu-boi, no período junino, os festejos para São Benedito, geralmente em agosto, os Pastores e Reisados no período natalino, além das festividades que ocorrem nas casas de cultos afro-brasileiros, entre outras.

Em seu trabalho sobre o bumba-meu-boi do Maranhão, Prado (2007) observa que o lexema “festa” é utilizado pelos camponeses, para designar as reuniões sociais promovidas pelos moradores da região visando comemorar um santo do hagiológico católico romano.

Tanto faz ser uma festa de promesseiro ou de festeiro, apresentar-se de maneira modesta ou completa, incluir o “baile” ou um “folgado”, inserir ou não uma reza, desde porém que a reunião gravite em torno de um santo, ela recebe o nome de festa. (PRADO, 2007:115)

Nas festas, destacam-se seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da rotina da vida diária. As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos. Conforme DaMatta (1979:40), a rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão dia-a-dia ou, mais significativamente, vida ou dura realidade da vida. Festas são eventos dominados pela brincadeira, diversão e/ou licença, ou seja, situações onde o comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquia repressora.

Da Matta (1979:40) cita Bercé para lembrar que de qualquer modo, é preciso não esquecer essa importante associação entre a festa, como um domínio especial, e as alternativas de ação que ela pode abrir, seja para voltar satisfeito ao cotidiano, seja para transformá-lo. O autor chama de “zonas de encontro e mediação”, onde o tempo fica suspenso “entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo”. Já para Carlos Brandão (apud Ferretti, 2002), festa é um tipo de ritual e os limites do ritual podem ser alargados a todas as ações que objetivam e produzem comunicação social. Conforme Bakhtin (1999), festas revestiam a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância.

Para Cavalcanti (1998), festas acontecem em um tempo cíclico e ao voltarem, trazem consigo alguma novidade. Sua natureza simbólica e seu apelo aos sentidos humanos estão na base de sua notável dimensão estética e capacidade de resistência à usura do tempo.

São adequadas à expressão da história, dos valores, conflitos e dinâmica social dos grupos e das regiões que as promovem. Integram a história concreta dos grupos humanos e participam ativamente da construção de identidades sociais. Festas não são simplesmente eventos, mas culminância de processos culturais que se estendem ao longo do ano. Deitam raízes profundas na vida dos grupos que as promovem. São tão necessárias à existência do grupo quanto à reprodução das bases econômicas.

Festas podem surgir como resultado de visões de mundo. Segundo Cavalcanti (2002), festas populares integram. Envolvem ricos e pobres: brancos, mulatos, caboclos, pretos, sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças.

As grandes festas populares brasileiras como o carnaval, o bumba-meu-boi, a festa do Divino, as congadas e outras, são festas sincréticas, com a junção de elementos de origens distintas. Nelas podemos encontrar paralelismos, misturas e convergências de culturas decorrentes de contribuições brancas, negras e indígenas que fertilizaram nossa cultura, nos instrumentos musicais, nos cânticos, nas danças, nas vestimentas, na alimentação, na alegria e na capacidade de organização das festas. (FERRETTI, 2007:4)

Os brincantes, mesmo estando doentes, não perdem uma brincadeira. É um momento de esquecer as mazelas do cotidiano e se entregar ao mundo onde tudo é possível, como no “faz de contas” das crianças. O ato de brincar permite ao brincante usar a imaginação. Nesse ato lúdico, vestem suas fantasias e se permitem ser quem bem entenderem. É comum ouvir que se pudessem passavam a vida toda na brincadeira. É a fase onde as responsabilidades ordinárias, são deixadas em segundo plano, e o ser humano se permite gozar apenas do “bom viver”. Festas são marcadas por acontecimentos que escapam da rotina, como o uso de roupas e acessórios extravagantes, o fato de todos falarem ao mesmo tempo, a alteração do volume e até do conteúdo destas falas. São momentos de relaxamento das amarras sociais, onde o indivíduo se sente à vontade para expressar suas indignações e indagações, mesmo que não passe de mero desabafo e tudo volte “ao normal” quando a festa acabar.

### 2.3 Os rituais

Na linguagem sócio-antropológica, as palavras rito e ritual são usadas comumente com referência a uma série de atividades sociais. Por meio de reforço, inversão ou neutralização dos aspectos do cotidiano é dado o clima do ritual. Van Gennep (1978) percebeu o rito marcado por fases e mecanismos invariantes e universais. E isto lhe permitiu isolá-lo como unidade de estudo e pensá-lo através de uma perspectiva sequencialista, constituído das seguintes fases.

- a) Ritos de separação – quando o sujeito ritual desprende-se do antigo estado de coisas ou da situação social precedente. Equivalente à estrutura social.
- b) Ritos de Margem (Liminalidade) – período de transição no qual o sujeito ritual já está isolado do estado anterior mas ainda não foi introduzido no subsequente. Suspensão da vida social. Período de margem, fora da sociedade, fora do cotidiano. O indivíduo se transforma mas o rito de passagem é coletivo. Sujeito ritual está em um reino que tem pouco ou nenhum dos atributos do estado anterior e do vindouro. Estado transformador. Situação inter-estrutural.
- c) Ritos de Agregação – Consuma-se a passagem. Agregação ao novo estado ou posição social, ou re-agregação ao antigo, agora em novos termos. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações de tipo claramente definido e “estrutural”, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições.

Rituais demarcam nossa trajetória social. São em grande parte elaborados como eventos festivos, que permeiam toda a nossa existência. Temos como exemplos os ritos de batismo, aniversário de um ano natalício, festa de debutante, casamentos, bodas, carnaval, festas juninas, natal, reveillon, etc. Observamos que em cada região, em cada época e em cada cultura os ritos são diferentes, entretanto há a presença de rituais em todas as civilizações conhecidas até hoje. O sentimento de grupo se dá pela realização dos ritos que são como a cola das relações sociais. Nossa história é muitas vezes contada tendo por base casos rituais. A própria vida social pode ser pensada como um ritual.



É importante atentar para o fato que nem sempre o processo ritual, que é social, equivale ao tempo natural. Temos como exemplo a festa de debutante, que marca a entrada na adolescência mas nem sempre coincide com o biológico (menina menstrua antes ou depois). Ou seja, a puberdade social nem sempre coincide com a puberdade biológica. As crianças devem ser agregadas mediante cerimônias, raro que seja considerada membro propriamente dito, “completo”, desde o nascimento. Para o alcance do “mundo sagrado” também só se vai através de ritos de passagem, que vão de acordo com cada crença e/ou religião.

Assim fenômenos folclóricos de natureza religiosa ou não, podem ser vistos como ações rituais, isto é, ações que predominam aspectos simbólicos e que dizem alguma coisa a respeito das pessoas que as praticam. Desta maneira, as manifestações folclóricas passam a ser encaradas como formas simbólicas de comunicação e de expressão, um modo de dizer algo sobre a estrutura da sociedade que as produz. (FERRETTI,2002:27)

Como demonstra Turner (1974:16), antropólogos, incluindo Boas e Lowie, Malinowski, Evans-Pritchard, Griaule e Dieterlen, e um grande número de seus coetâneos e sucessores, trabalharam intensamente na área do ritual pré-letrado, fazendo observações meticulosas e exatas sobre centenas de atos e registrando com dedicada atenção textos e vernáculos de mitos e preces, tomados de especialistas em religião. O próprio Turner é um dos mais destacados autores sobre a teoria ritual, na antropologia. Junto ao povo *ndembo*, que pertence a uma grande conglomerado de culturas da África Central e Ocidental, observou que eles associam considerável habilidade na escultura em madeira e nas artes plásticas a um complicado desenvolvimento do simbolismo ritual. A palavra *ndembo* usada para designar “ritual” é *chidika*, que também significa “um compromisso especial” ou “uma obrigação” (Turner,1974:25). Pôde constatar que esses povos têm ritos complexos de iniciação, com longos períodos de reclusão na floresta, para treinamento de noviços em costumes esotéricos, freqüentemente associado à presença de dançarinos mascarados, que retratam espíritos dos ancestrais ou deidades.

Os rituais são ricos em simbolismos e férteis em significado. As contradições e tentações do dia-a-dia são desfeitas na sacralidade do ritual. Segundo Ferretti (1995:125), ritos são dramas que se representam. Para Monica Wilson:

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo

dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas. (WILSON apud TURNER,1974:19)

O Novo Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (1975) conceitua rito como sendo o “tipo de cerimônia em que à maneira de agir, às fórmulas, aos gestos e aos símbolos usados, se atribuem virtudes ou poderes inerentes, suscetíveis de produzirem determinados efeitos ou resultados”. O “Vocabulário Essencial da Sociologia” de Jean Golfin, afirma que os ritos “são um aspecto importante das relações sociais [...] A maior parte das atividades sociais, na medida em que estas se tornam regulares, originam o estabelecimento de ritos, sinal manifesto da importância do simbolismo na vida” (Golfin apud Ferretti, 2002: 25).

Conforme Turner (1974:143): “Todos os rituais têm esse caráter exemplar, modelar”. Peirano (2003:10) demonstra que o ritual ressalta o que já é comum a um determinado grupo. Os elementos que entram no ritual já existem, fazem parte de um repertório usual, mas são então reiventados. Peirano (2003:51) confirma que “por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma – o que não é pouco”.

Os rituais, em certo sentido, “criam” a sociedade. Assim, através da dinâmica da brincadeira, podemos perceber a dinâmica da vida de seus integrantes. Portanto, o estudo ritual mostra-se como uma forma de estudo social. Já que os povos se manifestam, cantam, tocam, dançam, interpretam, se expressam de múltiplas maneiras; quanto maior o número de análises empíricas de rituais, maior será a oportunidade de esclarecermos nossos hábitos e costumes, para assim podermos reivindicar nossas necessidades, de maneira plena e consciente.

#### 2.4 Os folguedos folclóricos

Um folguedo reúne letra, música, coreografia e temática, segundo definição de Câmara Cascudo (2002:241), em seu Dicionário do Folclore Brasileiro. O folguedo possui um corpo de regras e convenções básicas bem definidas e conhecidas tanto por quem faz como por quem assiste. Improvisa enredos estruturados, atualizando-se sempre, reunindo um conjunto de técnicas próprio, transmitido através de aprendizados específicos. O ponto de partida é um núcleo restrito de pessoas. Roberto Benjamin (2007) referindo-se a todo fato

folclórico, como imbuído da idéia do folgar, acabou por generalizar os motivos e significados dos bailados, autos, danças dramáticas e espetáculos populares em geral.

Como consta no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, brincadeira é

o ato ou efeito de brincar; divertimento, sobretudo entre crianças; brinquedo, jogo; passatempo, entretenimento, entretenimento, divertimento; gracejo, pilhéria; caçoadas, galhofa, zombaria; coisa que se faz irrefletidamente ou por ostentação e que custam mais do que se esperava; *folguedo, festa, festança; diversão carnavalesca, folia*; coisa de pouca importância, festa informal ou improvisada. (HOLLANDA, 1975, grifo nosso)

Como mostra Da Matta (1979:112), deve ser mencionado como um dado importante que o verbo cantar, como o verbo brincar, está cheio de possibilidades metafóricas no Brasil. Assim, brincar significa também relacionar-se procurando romper as fronteiras entre posições sociais, criar um clima não verdadeiro, superimposto à realidade. No carnaval, então, quando “brincamos”, estamos nos relacionando e também simulando posições e sentimentos. Ou seja: estamos dramatizando relações, possibilidades, desejos, posições sociais. Daí o carnaval ser uma época onde todos estão vivendo como que num grande palco.

Brincadeira é a denominação mais freqüente para os folguedos brasileiros. O ato de brincar está, geralmente, ligado ao universo infantil. Entretanto, é como denominamos a ação desencadeada por atores sociais em seus momentos de diversão. É uma atividade lúdica, que nos permite viajar por diversas experiências, sensações e contextos. São momentos que divergem da vida ordinária e portanto podemos determinar que correspondem a fase liminar, segundo classificação dos rituais de Van Gennep (1978). Fase onde se dá a suspensão da vida social; período de margem, fora do cotidiano. Momento onde o sujeito ritual está em um reino que tem pouco ou nenhum dos atributos do estado anterior ou vindouro, ou seja, onde está livre das amarras da estrutura social. Uma situação inter-estrutural onde há a possibilidade de uma criatividade livre e até mesmo de elaboração conceitual. Portanto, um estado majoritariamente transformador.

Segundo Carneiro (1982), é através do folclore que o povo se torna presente na sociedade oficial e dá voz aos seus desejos, cria para si mesmo um teatro e uma escola, preserva um imenso cabedal de conhecimentos, mantém a sua alegria, a sua coesão e o seu espírito de iniciativa. As brincadeiras são para o povo, momentos de imensa criatividade e elaboração conceitual, onde encontramos uma moralidade aberta que dá margens a todo tipo de especulação. Notamos que muitas manifestações das culturas populares são denominadas

ora de brincadeira, ora de folguedo, ora de festa. Qualquer que seja a nomenclatura usada, mesmo que disfarçado, o sentido religioso está sempre presente.

A brincadeira também pode ser encarada como um tipo de teatro popular, com elementos sagrados e profanos. Seu lado profano é associado ao teor pornográfico, irônico, grotesco e violento das piadas. Pertencendo a um período festivo, se caracteriza pela vasta ingestão de comidas e bebidas, pelo uso e abuso, pelo excesso e pela pândega. Porém, é um dos momentos em que mais se faz sentir a força da coesão do grupo e da fraternidade, que só um convívio desta natureza pode gerar. Fato que nos faz lembrar que a brincadeira também é coisa divina, já que a grande maioria das brincadeiras populares brasileira é feita em devoção às entidades religiosas. A força regeneradora do brincar popular está não somente no riso e no êxtase, mas também na crença no santo protetor da brincadeira. Aos santos relacionam-se também o período em que cada manifestação acontece.

Em seu estudo sobre o Pastor em São Luis, Nunes (1997) demonstra que durante o processo de colonização portuguesa no Brasil, os jesuítas tinham a idéia de utilizar o canto, a música, a dança, mímicas, as máscaras e as plumas para atrair os índios com o objetivo de cristianizá-los e civilizá-los. Segundo Cascudo (2002), a dança teria sofrido modificações no seu caráter sagrado, imediato e utilitário em detrimento de um espírito lúdico, fruto de um longo processo de automização da arte, que diversificou a sua função social ao longo dos tempos. Mário de Andrade escreveu sobre o teatro folclórico:

Todos têm fundo religioso. Ou melhor dizendo: o tema, o assunto de cada bailado é conjuntamente profano e religioso, nisso de representar ao mesmo tempo um fator prático, imediatamente condicionado a uma transfiguração religiosa...A vontade de caçoar, de se libertar de valores dominantes por meio do riso, produziu a inflação de episódios como esses, em que o povo atinge inocentemente o próprio sacrilégio, numa serena ausência de pecado. (ANDRADE, 1934: 24-26)

Não é por acaso que quase sempre antes do período da brincadeira há um batizado do próprio brinquedo. Ou reza-se uma novena, um terço, um bendito ou todos, para pedir proteção aos seres, que os brincantes acreditam ter o poder de livrar-lhes de todo o mal. Mal que deve ser mantido afastado do período em que se brinca e também do restante do ano. Por isso, as brincadeiras acontecem de forma cíclica, “todo ano tem” (Prado, 2007), para que a cada ano se renove a esperança e a guarnição divina da comunidade.

## 2.5 Reisados

As festas de Natal, Ano Bom, Reis, chamadas janeiras em Portugal, são as mais alegres e travessas para o nosso povo; são quinze dias de folgares constantes e variados. (ROMERO, 1954:51)

Apesar da escassa literatura a cerca dos Reisados, estes sempre foram objetos de muita apreciação. Mário de Andrade (1934) declara em seu livro “Danças Dramáticas do Brasil”, que a palavra Reisado deriva evidentemente de “Reis” e foi uma masculinização brasileira da palavra portuguesa. Em Portugal existe o termo “Reisada”, como quem diz “rapaziada” e “patuscada” (coisas próprias de rapazes ou de patuscos. Farra ou ajuntamento festivo de gente que se reúne para dançar e cantar). Para Andrade, o desleixo natural da nomenclatura popular pode ocasionalmente chamar de Rancho a um Reisado, ou de Terno a um Rancho.

Os Reisados são folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do Bumba-meu-Boi. Originalmente, nos Reisados cantam-se xácaras antigas, velhos romances, novas canções satíricas, chulas, etc. (ROMERO apud ANDRADE, 1934: 35)

Em seu “Pequeno Dicionário do Natal”, Roberto Benjamin (2007), qualifica Reisado como:

Formas de dramatização do cotidiano ou de transposição para a forma dramática de romances e xácaras, formas literárias populares tradicionais em verso. Cada assunto dá origem a um só entremeio conciso que é representado em meio a uma série de entremeios que vem a constituir o folguedo. (BENJAMIN, 2007)

Mário de Andrade (1934) cita que Mello Moraes:

[...] designa os Pastoris como especiais das cidades do litoral, e substituídos no interior de ‘quase todo o norte’ pelos Reisados. Que sempre existiram também a beiramar. E ainda mais desatentamente afirma que ‘Bailes e Reisados’(entre os quais enumera o Bumba-meu-Boi) eram dançados dentro das casas, ao passo que as Cheganças bem como os ‘ranchos de Reis’ com a competente Burrinha se dançava ao ar livre. Nas ‘Festas e Tradições’ distingue sem hesitar Pastoris, Cheganças e Reisados, adiantando que os dois últimos gêneros são da exclusividade das classes populares[...] nas ‘Serenatas e Saraus’, a ação de cada Reisado ‘gira inteira em torno duma figura ou dum personagem, que dá o nome ao Reisado’[...] e no ‘Quadros e Crônicas’, que vários Reisados podem se seguir unidos dentro do mesmo brinquedo. (MORAIS apud ANDRADE, 1934:36)

Andrade descreve os Reisados como adaptação dramático-coreográfica de romances e cantigas populares; uma representação dançada e cantada, consistindo num episódio só, que contém sinteticamente a significação completa do assunto.

Não havia apenas as xácaras tradicionais de origem ibérica nascente. Tinha também os romances locais do romancero nacional nascente, que o povo num átimo adotou aos seus Reisados e foi com isto que este reforçaram a sua grande originalidade brasileira. (ANDRADE, 1934:30)

Os exemplos citados pelo autor são os seguintes: Reisado do Zé do Vale, aproveitado de um romance brasileiro do ciclo do cangaço; do Cavalo Marinho (incorporado ao Bumba-meu-Boi; um núcleo básico principal vai sendo recheado de temas apostos, pertinentes ou não ao assunto original); do Caipora, do Mestre Domingos, o Folgado da Trança (consiste numa vara com fitas, segurada no centro da roda por um figurante. Os demais bailarinos, pegando as fitas pela outra ponta livre, traçam e destrançam em figurações variadas); o da Burrinha, o do Engenho, dos Caboclos, etc.

Os agrupamentos instrumentais variam bem de lugar para lugar, e são poucos os bailados que possuem exigências instrumentais fixas [...] Pelo que se vê, e continua sendo verdade nos costumes atuais, o acompanhamento instrumental às mais das vezes é criado pelas possibilidades do momento, com os tocadores que existirem à mão. Luís da Câmara Cascudo (37, março de 1929) diz que nos Reisados atuais de origem lusa “a orquestra antecede o canto, executando o motivo” (ANDRADE, 1934:68-69).

Na procura de uma unidade conceitual Andrade (1934) coloca a forma estética do Reisado, onde os episódios esporádicos ainda são ajuntados de maneira a constituir um todo harmonioso mais ou menos como foi a formação da Odisséia, quer ela tenha como autor Homero ou o tempo; dotado de um núcleo temático básico, com temas agregados. Já quanto ao conteúdo temático, alega que a origem dos diversos Reisados residiria no processo de transposição de uma forma verbal e poética à forma dramática dançada.

Edison Carneiro (1974) em “Folguedos Tradicionais” coloca que:

O Reisado e, modernamente, o Guerreiro, ligam-se ao Natal. Um e outro são rapsódias populares, reunião de cenas e episódios sem ligação entre si, alguns específicos da representação, outros tomados à vontade a outros autos, desfiles e diversões tradicionais. São, num e noutro caso, um bando de foliões que bate à porta dos amigos para brindá-los com um espetáculo que se constrói com “entremeios” cômicos, “peças” cantadas e “embaixadas” declamadas. (CARNEIRO, 1974:169).

Para Barroso (2007) em sua tese sobre o Reisado Careta no Ceará, criar uma conceituação para diferentes Reisados, não significa afirmar Reisados exemplares, construir modelos, ou mesmo dizer como eles deveriam ser. “Há sempre variações, por menores que sejam, na constituição do figural (quadro de figuras), na sua caracterização, nos entremeios que entram na seqüência e na importância dada aos entremeios etc [...]”. Muitas vezes, a denominação dada pelas populações locais aos seus Reisados sofre influências de fatos e costumes locais.

[...] cheguei à conceituação do Reisado como um folguedo tradicional do ciclo natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos à Belém, e se desenvolve, em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses' incluindo obrigatoriamente o episódio do Boi. (BARROSO, 2007:25)

Pude observar que o episódio do boi, apesar de estar sempre presente, não ocupa obrigatoriamente lugar central no Reisado do Maranhão, tanto para os brincantes como para a assistência. No grupo “Reisado Encanto da Terra”, do Bairro Campos de Belém, em Caxias por exemplo, a aparição do boi não ganha qualquer destaque, e a cena da morte fica mesmo por conta dos caretas. Lá, é o careta velho que morre e ressuscita no meio da brincadeira. O dono do grupo, Sebastião Chinês, contou que na região costuma ser assim, que só viu boi morrendo em Reisado no Piauí.

No livro sobre as Festas de Reis do Nordeste Transmontano de Portugal, Tiza (2004:113) declara que o Padre Firmino Martins se refere a uma antiga tradição realizada em Vale das Fontes e em outras localidades como o “Ramo do Natal”, a representação teatral do nascimento de Jesus afirmando ser neste ciclo festivo “que se faziam as representações, restos do teatro popular que a igreja protegeu e difundiu, proibindo-o mais tarde, naturalmente devido a abusos”. Já Gomes (2006) acredita que a forma tradicional dos rituais do Natal e do Carnaval que persiste em certos pontos da Europa, tem como origem mais provável as “saturnais”, festas imperiais da Antiguidade realizadas em Roma em louvor a Saturno, divindade agrária e soberano dos deuses, com vista à expulsão das forças malignas do Inverno e à renovação da vegetação.

No Brasil, encontramos manifestações em louvação aos Reis Magos e ao nascimento do menino Jesus, com muitas formas e nomenclaturas, espalhadas por diversas regiões. Temos como exemplos, conforme demonstra Silva (2006), as Folias de Reis, no Rio de Janeiro, Brasília, Minas Gerais e Goiás, as Companhias de Reis em São Paulo, o Terno de

Reis na Bahia, a Tiração de Reis e Boi-de-Máscara no Pará, o Presépio, as Pastorinhas, os Pastoris, o Pastor e o Bumba-meu-boi do nordeste brasileiro oriental, o Boi-de-Mamão em Santa Catarina e Paraná, o Boi de Reis no Espírito Santo, o Reis de Bois, Reis de Careta ou Reisado no sertão do Ceará, o Cavalo-Marinho em Pernambuco e na Paraíba, os Reisado e Guerreiros e Boi Calemba em Alagoas, no Ceará, Sergipe e Rio Grande do Norte, o Reisado Careta ou Caretas na região do sertão que engloba o Maranhão, Tocantins, Ceará e Piauí, entre outros. Porém,

É necessário lembrar que, dentro do ciclo natalino, existem manifestações que apesar de serem habitualmente chamadas de Reisados, não possuem temática dos Reis Magos e do Menino Jesus, o que não impossibilita a participação desses grupos nas Festas de Santos Reis. Como por exemplo, temos a Chegança e a Marujada (temática náutica, envolvendo a luta dos Mouros contra os Cristãos), a Taieira e o Ticumbi (temática afro-brasileira). (CAVALCANTE e TORRES, 2007:18).

Atenta às conceituações referentes aos reisados e me baseando na observação empírica de algumas dessas manifestações, posso determinar que sob o meu ponto de vista Reisado é: uma brincadeira do período natalino, com música, canto, coreografia e poesia. Devido à grande diversidade cultural, decorrente da também imensa diversidade social encontrada no não menos vasto território brasileiro, opto por esta conceituação que, embora simples, se pretende ampla. Sem desvalorizar a importância da conceituação que a comunidade intelectual cria na tentativa de delimitar as culturas populares para melhor estudá-las, pretendo, desta forma, dar mais liberdade à própria comunidade de brincantes em relação a auto-classificação de suas brincadeiras votivas.

## 2.6 Caretas

Caretas ou máscaras fazem parte da história cultural humana desde os tempos mais remotos. Sua produção e uso são universais e podem ser encontradas entre as mais antigas sociedades, como a egípcia, grega, asiática, pré-colombiana, entre outras. Atualmente, têm uma distribuição geográfica quase universal. A expressão careta corresponde à falsa-cara ou cara-pequena e está ligada a uma forma milenar de intimidação, como nos informa Câmara Cascudo (2002:113). Segundo Tiza (2004) são geralmente rituais ou mágicas, afinal, a palavra máscara origina-se do baixo latim, *mascha*, que significa feiticeira.

[...] em Portugal o uso ritual da máscara é pelo menos anterior à Inquisição, que condenou à fogueira vários mascarados. D. João V autoriza-as no século XVIII, para embelezamento dos Carnavais palacianos e dos bailes da corte, enriquecidos pelo



brilho passageiro do ouro do Brasil [...] A solenização do tempo com liturgias mascaradas foi costume pagão nas festas romanas das Juvenais e também dedicadas a Baco, as Bacanais [...](TIZA, 2006:35)

Conforme Lody (1999) a máscara vai além de uma peça; é antes de tudo uma preparação, um estado de predisposição e entrega àquilo que será a personagem. “Trata-se de compromisso e partilha com o significado prescrito pela própria máscara, por sua simbologia”. O mascaramento pode conferir poderes de seres selvagens e sobrenaturais. Estar mascarado é estar em mudança do aspecto natural e cotidiano. A função das máscaras pode ser inclusive de reversão do status de quem as usam. As máscaras asseguram o anonimato de quem as utilizam.

O ato de se mascarar é um ato representativo. Pode ter uma dimensão religiosa, teatral, ambas e outras. Está presente em diversas culturas e abrange diferentes níveis da vida social. As comunidades arcaicas puderam, no decurso dos séculos, conservar um espólio de antigas máscaras, que são patrimônios valiosos para o conhecimento das axiologias comunitárias, e fonte de inspiração para novas criações, levando à renovação da tradição. Está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. Estar mascarado é estar em mudança do aspecto natural e cotidiano.

Peter Junge (2004) observa que o uso de máscaras nas sociedades rurais e reinos africanos pode estar associado a diferentes esferas da vida. Nestes contextos, desfiles e encenações de máscaras manifestam sistemas distintos de educação, ensino, entretenimento, integração social, cultural e econômica, como também de controle social, com suas funções judicial, punitiva e de regulação do poder político.

Podemos admitir que, na Grécia e na Ásia Menor, a *prossopa* antes de chegar a elemento da comédia, tivesse uma função daimônica, iniciática e religião[...] Mas, quanto às máscaras africanas e asiáticas, temos por certo mediante os estudos de antropólogos como Jorge Dias (para o caso dos Macondes) e Mário Milheiros e José Redinha (para o caso das tribos angolanas), que elas têm uma função daimônica, mediúnica e salutífera, mediante a feitiçaria médica. A máscara é o sinal de que o seu utente não é aquela pessoa, mas o espírito que, pela máscara, ela reveste. (TIZA, 2006:15-16)

A ação de arrancar a máscara dos outros, torna pública a vida privada. A máscara pode ser considerada como expressão das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; encarna o princípio de jogo da vida. A caricatura, a careta, as contorções e as “macaquices” são derivadas da máscara. A interação da máscara com quem a

usa, se dá como se fosse um ato mágico, isto é, de transformação profunda, ocasionada pelo significado e a incorporação deste. A utilização da máscara assumiu novas alternativas na representação das fábulas, ou contos cujas personagens são seres humanos personificados em animais e até é possível autores criarem animais travestidos de máscaras humanas.

O ato estético de mascarar, transformar, intervir na imagem do rosto, da cabeça, de todo o corpo, pressupõe o uso de peça convencionalmente preparada para tal finalidade, podendo ainda receber acréscimos de roupas, pinturas, acessórios e ambientações de contextos vários. Os ornamentos corporais, assim como as vestes, constituem elementos impregnados de poder para quem os usa. Todos nós, e nem só os palhaços, nos caracterizamos de um modo ou de outro. Grande parte das mulheres e até mesmo alguns homens se utilizam de disfarces, como a maquiagem, para transformar características físicas desagradáveis. Usamos expressões como “deixar cair a máscara”, “fazer caretas”, “ficar de trombas”, “ficar de cara”, “fazer cara de anjo”, “estar de cara limpa” para expressar sentimentos, como se o que demonstramos nas feições pudessem refletir nossos sentimentos verdadeiros.

A transformação interna que opera a máscara é descrita geralmente como um poder extraordinário, que permite fazer tudo o que não se pode fazer quando não mascarado. Porque o mascarado é um tipo de super-homem, um ser momentaneamente fora da linguagem humana, fora da própria identidade, mas ainda homem na natureza e na forma (desfocadas). Um ser cuja liberdade de ação e de inversão das normas lhes confere simultâneos poderes de juiz e carrasco. O mascarado torna-se um ser superior, mágico e profético, diabo e sacerdote ao mesmo tempo, gozando de um estatuto *sui generis* com uma liberdade quase sem limites, com a faculdade de destruir, criticar, troçar ou acariciar segundo a sua vontade. Dificilmente identificáveis, se não de todo impossível todo tipo de brincadeiras lhes é permitido fazer.

No Brasil, a presença dos mascarados é uma constante em numerosas manifestações populares. Personagens mascarados podem ser observados entre o fofão, no carnaval maranhense; os clóvis ou bate-bola, no carnaval carioca; o papangu do carnaval de Recife; os caretas de Bezerros, cidade do agreste pernambucano; as figuras do Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco e da Paraíba; o cazumba do Bumba-meu-boi do Maranhão; os palhaços das Folias de Reis; os mascarados das Cavalhadas de Goiás; os palhaços de circos, entre muitos outros. Segundo Bitter (2006) estes personagens se assemelham por um conjunto de traços como a esperteza, a comicidade e, sobretudo, a

astúcia, muitas vezes acentuadas por um princípio de rivalidade, tornando-os ainda bastante briguentos. O uso de chicotes, bexigas, porretes de madeira ou facões, é outro elemento de elo entre esses personagens grotescos das festas de rua do país.

No seu trabalho sobre “o congo de máscara” do estado do Espírito Santo, Mazoco (2003:32-33) ressalta a expressão totêmica das máscaras nesta festa. O autor buscou a sabedoria de “Seu” Queiroz, dono de Banda de Congo, que sintetizou as duas finalidades da máscara na brincadeira da seguinte forma: “a primeira, de ocultar e disfarçar o indivíduo que a usa e a segunda a de assustar, hilar a brincadeira, dar alegria à festa”.

O comportamento dos mascarados durante o cortejo da festa lembra a alegria da bicharada de Reis de Boi, no norte do Espírito Santo; aquele comportamento de uma alegria amalucada irreverente, de liberdade, de criatividade; a materialização de um imaginário popular, da alegria e do medo, das recordações da infância à vida adulta, do bicho-papão e do congo com os seus comuns pela sua identificação cultural. (MAZOCO, 2003-33).

Interessante o fato de Mazoco (2003), ressaltar o medo do bicho-papão e as recordações da infância à vida adulta, pois acredito serem essas brincadeiras populares a fonte de inspiração para as cantigas de ninar como a que coloco na epígrafe desta dissertação. Recolhi alguns depoimentos de adultos que lembram com bastante clareza o pavor que as caretas dos reisados lhes causavam; as caretas dos Caretas, as do Babau e as do “Boi da cara preta”. Além do contexto musical infantil, essas personagens eram usadas pelos adultos para impor limites aos pequenos, como por exemplo: “não vá lá que o careta te pega”, conforme relato de uma tradicional família de Caxias, com quem tive a oportunidade de almoçar. Já Borba Filho (1965: 4-5) em “Bumba-meu-boi” de Pernambuco, considera a máscara como um elemento de aproximação entre atores e público. Lembra que “os que não usam máscara lançam mão de uma maquiagem bem carregada de carvão ou farinha de trigo que se assemelha à própria máscara”.

No Reisado Careta, as máscaras podem ser feitas com qualquer tipo de material, como couro de bicho, latão, papelão, cabaça, carcaça de animal ou o que tiver disponível para sua confecção. Os caretas poderiam ser chamados de reis, já que simbolizam os Reis do Oriente, entretanto suas máscaras sobressaem tanto que acabaram dando nome não só a personagem como ao Reisado. Os outros brinquedos do Reisado no Maranhão que se apresentam na forma de bonecos, também podem ser classificados como detentores de uma espécie de máscara. Afinal, a cabeça do boi, a cabeça da burrinha, do jaraguaiá, da ema, do

galo, da nega-véia, e do babau são também caretas. As personagens e o material com que são confeccionadas podem variar conforme o grupo mas as caretas estão presente em todos eles.

### 3- O REISADO CARETA DE CAXIAS

#### 3.1 Caxias, sertão do Maranhão: um panorama da região.

Segundo César Marques (2008:317-330), quase que sem exceção, as cidades ribeirinhas do norte do Brasil, nasceram em consequência dos chamados "pousos" ou "paióis". Esses pousos eram casebres construídos de folhas de palmeiras geralmente tapados de palhas, e serviam aos tocadores de gado que provinham da bacia do São Francisco, na direção do litoral, notadamente para São Luís. Os paióis eram depósitos provisórios construídos pelos lavradores de cultivo intenso da terra, onde armazenavam nas colheitas o produto de seu trabalho. Encerrado o ciclo produtivo levantavam tenda, para queimada de novas matas e construção de novos roçados, via de regra à margem dos rios, única via de acesso para escoamento da produção.

Em seu “Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão”, Marques (2008) escreve que os sertanistas que partiram do sul e leste do Brasil penetravam nos sertões do Piauí atravessando o rio Parnaíba e atingiram fundo nas imediações de Caxias, o curso do médio Itapecuru, como já o haviam feito na região de Pastos Bons, na parte alta do rio. A criação de gado foi a origem da povoação em Caxias que jamais fora fundada num dia e hora certos. O local onde hoje está situada a cidade foi um agregado de aldeias de índios timbiras e gamelas, os quais, perseguidos pelos portugueses, que queriam reduzi-los a escravos e vendê-los, fugiam para as montanhas e florestas, abandonando suas habitações. Seu primeiro nome, o de “Aldeias Altas”, vem assim desse conglomerado de aldeias de onde se destacavam as tribos chamadas Guanáres.

O Professor Basílio de Magalhães em anotações à obra de Spix e Martius (1981) grafava *Cachias*. Diz ali que é a melhor grafia do topônimo, pois provém sem dúvida do nome *cachia*, a "esponja", flor do arbusto chamado "*corona christi*" e não de caixa. Já segundo Cascudo (apud Koster: 1978), a grafia Caxias veio de Portugal onde denomina “cidade”. Porém para Marques (2008) alguns entendem o nome Caxias como de origem indígena

significando “rio de pedras chatas”, não só pela abundância de pedras no leito como pela semelhança com o batráquio “cururu”<sup>9</sup>.

Hoje, Caxias pertence à Zona Fisiológica do Itapecuru, distante da capital São Luís do Maranhão, rumo S. S. E. em linha reta, 276 quilômetros. Bem próxima à faixa equatorial, baixa altitude ao nível do mar, tem clima quente, amenizado pelas matas, rios e riachos que a cortam e atravessam em todas as direções. A área de unidade territorial é de 5.224 Km<sup>2</sup> e a população de 143.197 habitantes, segundo o IBGE (2007). No final da década de 1830, como demonstra Franchetti (2007:57), ali se deu a revolta da Balaiada, movimento popular que juntou, contra o governo central, vaqueiros, lavradores, camponeses, artesãos, negros, mestiços e índios. “A rebelião só foi debelada pelo futuro duque de Caxias, e foi encerrada em 1841, quando D. Pedro II, tendo a sua maioridade antecipada, ofereceu anistia aos revoltosos, com a condição de que os participantes negros fossem reescravizados”.

O rio Itapecuru é o principal da região. O rio Parnaíba banha pequena extensão do município e serve de limite com o Piauí. O riacho Gameleira é limite com Codó, o riacho Prata também limita com Codó. Seus morros são: o Sanharol, o do Araim e o das Tabocas, que virou Alecrim depois do poema “Morro do Alecrim” de Gonçalves Dias (1969), que nasceu na cidade e o escreveu em sua homenagem. Palmeiras, babaçu, tucum, carnaúba, piqui, bacuri, maçaranduba, angelim, aroeira e jurubeba são algumas representantes da flora regional. As atividades econômicas mais destacadas no município ainda são da lavoura e a da extração de amêndoas de babaçu, ambas praticadas por métodos primitivos, sendo que, na produção agrícola, destacam-se: arroz, algodão e milho, com largo consumo local e como artigos exportáveis. A pecuária também ocupa lugar de destaque.

No perímetro urbano houve uma importante fábrica de tecidos que funcionou na cidade após a abolição e em cujo prédio restaurado atualmente funciona o Centro Cultural da Prefeitura. Destacam-se na arquitetura local templos religiosos representantes do catolicismo inicial de sua constituição como a Igreja Matriz, de Nossa Senhora da Conceição e de São José, na Praça Cândido Mendes e a Igreja de São Benedito, na Praça Vespesiano Ramos. Atualmente, é possível notar uma série de igrejas batista, adventista, protestantes, entre

---

9 Segundo Ferretti, S. pode ser que o nome Caxias derive de Cachéu, região da África na atual Guiné Bissau, onde há um rio de nome Cachéu e os habitantes são chamados de Cacheu, dos quais vieram muitos escravos para o Maranhão que aqui eram chamados caxéus ou caxias. Na Casa das Minas uma vez ao ano se canta para os caxias ou caxéus. (Informação verbal fornecida em outubro de 2007).

outras, além dos espaços destinados às religiões afrobrasileiras, que é mais denominada na região como terecô ou tambor da mata.

### 3.2 O Reisado Careta

A sede do grupo “Reisado Encanto da Terra” está localizada no bairro Campos de Belém, cidade e município de Caxias, na casa de dona Zélia e seu esposo Sebastião Chinês, dono, cantador e idealizador dos brinquedos e músicas. Os integrantes do grupo no ano de 2007 eram Francisco Ferreira de Souza, artesão dos brinquedos; Geraldo; Natal Medina dos Santos; Wallison; Francisco França Aquino, todos caretas; Chico, careta velho e fazedor de cantiga; Antônio Rodrigues dos Santos, também careta velho; Sirilo, que coloca a burrinha; Fernando, que veste o boi e o babau; Flávio, que brinca no jaraguaia e na burrinha; Cristina Regina, que brinca na cabeça de fogo; Natanael, que brinca no galo; Jamilda, que toca triângulo e faz a segunda voz; Lindomar Ribeiro da Silva que é cantador; Luís Abreu, que toca bumbo e Luís Valério Duarte tocador de banjo.

A vizinhança participa como *noitante*. São pessoas responsáveis em organizar e pagar as despesas com a contratação dos rezadores (a), fogos de artifício, velas e alimentação em cada noite de reza que acontece na sede do grupo antes da jornada sair às ruas. São servidos geralmente café ou leite com chocolate, com bolo ou biscoito. Os familiares também colaboram com a confecção das vestimentas e com o almoço que é servido aos brincantes hospedados na sede, durante os onze dias e noites que se estende o festejo. O forno à lenha onde se assa os bolos fica localizado em uma casa bem próxima a sede que é do primo de Sebastião Chinês. Sua esposa, Zélia, sua mãe, Dona Conceição, sua filha Fabiana e seu filho Gabriel, apesar de não colocarem nenhuma figura, diretamente no Reisado, estão sempre juntos ao grupo, cuidando para que tudo corra bem.

A concentração para o início da festa desse Reisado Careta começa com a reza que acontece ainda na sede do grupo. Geralmente, reza-se o terço e tira-se o bendito. No grupo “Reisado Encanto da Terra” cada noite tem um responsável para puxar a reza. Muitas pessoas da região têm o costume de festejar vários santos do calendário litúrgico, durante o ano, além de seguirem procissões e romarias para cidades como Juazeiro do Norte, Canindé e Aparecida do Norte. É comum haver em um bairro ou povoado, mais de um rezador (a). Pode observar que os devotos mais velhos tinham sempre uma criança, em geral um neto ou outro

familiar o acompanhando. Notei um maior número de crianças em relação aos jovens e adultos, na hora de rezar a ladainha <sup>10</sup>.

Observei que apesar de usarem a expressão “rezar o terço”, nem sempre essa reza se estende até completar o número de contas do objeto que não necessariamente precisa estar na mão do rezador (a). Mas sempre se entoa na forma de cântico ou apenas falado, Credo, Ave Maria, Pai Nosso e Salve Rainha. Cascudo (2002:673) classifica o terço de São Gonçalo como “ato religioso praticado por seus devotos diante do altar. Durante o terço não há rezas, somente cantos laudatórios [...]”. No caso do Reisado Careta em Caxias, há reza e também há cântico, que são denominados pelos devotos como benditos. Segundo Cascudo (2002:61-62), bendito é “canto religioso com que são acompanhadas as procissões e, outrora, as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra bendito, iniciando o canto, uníssonos [...]”.

Me guardai por essa noite,  
Amanhã, por todos os dias  
Rezemo Ave Maria  
Lá nos pés da santa cruz

Peço que rezemos agora  
Para sempre amém Jesus  
Um Pai Nosso, uma Ave Maria  
Para o Santo neste dia

Os versos entoados não se restringem a pedir proteção e bênçãos apenas para o santo festejado naquele período. É constante a presença de outras imagens na santidade (forma local para designar o altar).

Nossa Senhora do Carmo  
É madrinha de São João  
Eu também sou afilhado  
Da Virgem da Conceição

Essa Devoção  
É de Nossa Senhora  
Ela me ajuda  
Entrar lá na Glória

Aquele Senhor  
Que está numa cruz  
Salvai nossas almas  
Meu doce Jesus

---

10 De Nossa Senhora, Sagrado Coração, Todos os Santos etc. Tirada (declamada) ou cantada durante os terços, novenas, trios, sua popularidade é baseada nos poderes místicos da imprecação religiosa. Os velhos tiradores de ladainhas no sertão do Nordeste tinham vozes de alta expressão trágica, causando inesquecível impressão pela inflexão sonora e patética, abalando as almas[...] (CASCUDO, 2002: 322).



Quando os devotos acabam de rezar, eles vão cantar para “beijar a santa” que estiver em cima da santidade,

Levanta devoto  
Vem beijar Maria  
Nossa protetora  
Nossa Luz e Guia

depois vão cantar para “guardar o santo”,

Rezadeira guarda o Santo  
Guardai todas alegrias  
Guardai o menino Deus  
Filho da Virgem Maria

que é levado para dentro da casa, e então são dados os vivas da noite: Viva o dono da casa! Viva *Santo Reis*! Viva o Menino Jesus! E soltam foguetes para animar o festejo.

Então são servidos bolo, biscoito, café ou chocolate. Os músicos vão preparar seus instrumentos, os brincantes vão vestir suas fardas, os bonecos são colocados em um carrinho improvisado, para dar início à jornada (caminhada até as casas que recebem a brincadeira). Alguns vizinhos partem junto aos brincantes e o resto da assistência vai se juntando ao grupo na medida em que vão se dando as “abrições de porta”. A jornada não é acompanhada por música. É ali que se dá a conversação amigável entre os integrantes do grupo e as pessoas que os acompanham na visita às cerca de dez a quinze casas que serão visitadas naquela noite. A bandeira, feita de tecido branco e pintada com a imagem de *Santo Reis* é aberta bem encostada à porta da frente da casa visitada e os quatro cantadores (as) começam a entoar seus cânticos.

Segundo Sebastião Chinês: “A gente tá cantando e os careta respondendo. Mas se nós estivermos na apresentação, nós canta e nós mesmo responde, porque não dá para escutar eles. Mas se nós estiver na brincadeira, nós canta e eles respondem”. Essa fala sinaliza para as mudanças que ocorrem na manifestação dependo do contexto em que está inserida. Porém, quando apenas os cantadores ficam responsáveis pelo “pé” (nomenclatura local para designar os “versos”), um primeiro puxa, um segundo repete; outro primeiro puxa, outro segundo repete, da seguinte forma:

Santo Reis do Oriente - 1º : 1  
Me mandou que eu cá viesse -1º : 1  
Me mandou que eu cá viesse – 2º : 1

Santo Reis na sua porta -1º: 2  
 Quem mandou foi São José -1º: 2  
 Quem mandou foi São José – 2º: 2

O dono da casa abre a porta e os caretas começam a fazer graça, dizendo tudo errado, tudo ao contrário. Alguns exemplos são: “Bom dia! A luz estava acesa e nós não quisemos bater”; “Esse branquinho veio para atrapalhar nossa festa”, referindo-se à um tocador negro do grupo; “Ah, você não veio não? Não trouxe o seu amigo, né?”; “ Ainda bem que tá com seu pai no braço, no braço não, nas pernas” para uma mulher com o filho no colo; “Aqui tá fazendo um frio danado”; dão o endereço e o dia do cortejo para *Santo Reis*, trocado. Como os caretas simbolizam os Reis Magos que estavam querendo despistar Herodes, esse pode ser um motivo para falarem ao inverso.

Além disso, é comum encontrarmos referências ao uso da inversão como forma de comédia nas culturas populares. Em seu estudo sobre o Cavalo Marinho, Acselrad (2002) declara que o gosto pelo jogo, pela festa, pela farra, mas também pelo trocadilho, pela inversão, pela denúncia caracterizam a natureza do humor nas brincadeiras populares.

Aliás, é esta obrigação fundamental inerente ao papel do palhaço, aquela que o grupo espera que seja por ele desempenhada: comportar-se e falar erradamente. Neste momento, uma reconversão de negativo em positivo se opera. Nele o erro e a maneira é que são o certo e o verdadeiro, pois “quanto mais ele faz feio, mais é o bonito, mais faz graça pro pessoal”. Quanto mais foge dos padrões, quanto mais *inversão* realiza, mais comunicação e audiência consegue, liberando ainda que momentaneamente, assuntos proibidos ou abafados pela consciência em estado de sentinela. (PRADO, 2007:216, grifo nosso)

Os caretas são os palhaços da festa, costumam dizer todo tipo de piada entre si, em relação à assistência, aos músicos, até mesmo sobre um animal que esteja por ali; todos os presentes podem ser vítimas de suas mungangas<sup>11</sup>. Afinal, o humor exige o palhaço da responsabilidade de seus atos. E apesar de direcionar críticas de todas as formas e maneiras, jamais é acusado de heresia, não importa o que afirme desde que se exprima de modo bufo. Os caretas mais engraçados são aqueles com maior capacidade de improvisação. Como demonstra Prado (2007:213), “o palhaço só se torna palhaço quando, a partir de uma idéia inicial, consegue, por uma habilidade de criação continua, introduzir o inesperado”. Ao escrever sobre o ator cômico em seu estudo sobre o Bumba-meu-boi maranhense Prado (2007:213) lembra que é “por esta razão que os informantes o concebem como o repentista por excelência dentro do conjunto de brincantes”. Conforme o dono do grupo “Reisado

---

11 Trejeitos, caretas, movimentos bruscos, sugerindo comicidade[...] (CASCUDO, 2002:404).

Encanto da Terra”:

“Muitos pé agente vai fazendo tudinho, e vai dando certo. Agora o careta sendo bom de verso, ele mesmo faz. Aí nem carece eu tá passando para ele, ele mesmo, da cabeça dele faz um verso ligeiro demais, aí o pessoal acha graça. Cada um tem uma idéia. Cada um que tá naquele momento, daquela brincadeira, cada um tem, é desse jeito”. (CHINÊS, Sebastião;2007)

E é com toda picardia que os caretas vão “tirar as esmolas”, “negociar a brincadeira”. Perguntam para o dono (a) da casa se podem “botar” todos os bichos para dançar. Se o dono (a) da casa não tiver quase nada para oferecer ao grupo, o Reisado brinca com menos brinquedos, poupando assim tempo e disposição dos músicos e brincantes. Não existe um valor estipulado para ser pago. Inclusive, é mais comum o uso da palavra “agrado” ao invés de pagamento. Ele pode ser em forma de moedas de dinheiro ou algum tipo de bebida ou alimento. O dono da casa entrega a “jóia do santo” que fica com a senhora que carrega a bandeira e que se destina, junto ao dinheiro arrecado no leilão que acontece no dia 06 de janeiro, para cobrir as despesas com o festejo. As esmolas que são pedidas nas portas, servem para arcar com a comida (que consiste em porco, arroz, farinha e café), para pagar os músicos, os foguetes, as velas e apumar as fardas, bonecos e instrumentos.

Cada brincante depois da apresentação de seu bicho joga um lencinho<sup>12</sup> no ombro do dono da casa para esse depositar seu “agrado”, que varia geralmente entre cinco centavos a um real. Esse valor pode parecer irrisório para o leitor urbano, mas é de grande valia para a população local. Tanto que o acúmulo das “sortes” recebidas é guardado com bastante zelo por seus receptores. Essa importância pode ser ilustrada pelo fato de ao serem requeridos para colaborar com o que pudessem para uma sopa que ia ser servida no final da jornada na casa do dono do grupo, muitos deram, com grande pesar, o valor de dez centavos. E apesar de a sopa ter ficado deliciosa, só foi feita uma única vez, provavelmente pelo fato de a “vaquinha” ter gerado certo desconforto entre os integrantes.

Os músicos recebem, geralmente, do dono da brincadeira, pois não tem lencinho para jogar aos donos da casa. Isso pode derivar do papel profano que a música desempenha no ritual, ou também pela profissionalização desses artistas, que muitas vezes deixam de estar trabalhando em outras festas para dedicarem-se todas essas noites à *Santo Reis*. Os instrumentos do Reisado Careta que acompanhei eram pandeiro, bumbo, banjo e triângulo

---

12 Objeto entregue ao dono da casa durante a apresentação e devolvido a cada brincante ao final da encenação, acrescido de poucas moedas ou um bocado de alimento como farinha ou arroz.

mas geralmente o grupo dos músicos também é composto por violão, cavaquinho, rabeça ou sanfona. Dona Nair, dona do grupo de Reisado Careta do povoado da Barra do Inhinga, no município de Matões alterna; um ano contrata sanfoneiro e no outro rabequeiro. Os brincantes do “Reisado Encanto da Terra” me disseram que gostariam de colocar sanfona, que fica bem melhor mas que não tem condições, pois é muito dispendioso.

A bandeira é levada para dentro da casa pela devota que abriu a porta. Em algumas ocasiões, os caretas também entram para sapatear e dizer versos, assim como para beber alguma coisa, antes de brincarem no terreiro. Dada a permissão cada personagem (brinquedo, bicho ou passarinho) vai dançar dentro do círculo formado pelos caretas e pelos músicos, onde se desenvolve a manifestação. A assistência se posiciona ao redor deles. Cada brinquedo tem sua música específica, muitas recebidas através dos “antigos” e muitas outras inventadas pelos atuais brincantes. Os músicos puxam a “dança dos caretas”:

Senhora dona da casa  
Eu mandei foi te chamar  
Senhora varre o terreiro  
Que o careta quer brincar

Careta-Véio  
Tu pisa o milho  
Tu pisa o milho  
E a poeira a voar

Um careta canta:

Careta-Véio  
Mais o caretinha  
Tú vai lá fora  
Buscar farinha

Todos cantam:

Ê,ê,ê,  
Ê,ê,ê  
Ê,ê,ê  
Macumbambá

Outro careta canta:

Tenho uma prima  
Que se chama Marilu  
Ela tá com o dedo fino  
De tanto botar no olho

Todos cantam:

Ê,ê,ê,

Ê,ê,ê  
 Ê,ê,ê  
 Macumbambá

E assim, cada careta entoa o seu verso. Mas nem todos necessariamente cantam. E o mesmo careta pode cantar mais de uma vez, versos diversos. Cada careta tem um nome, um apelido de careta para ninguém saber quem é a pessoa. Aí no “pé” chamam pelo nome que pode ser Mocotó, Jatobá, Macaúba, Savasquara, Come ovo, Avião de frango, etc. Na verdade, quem tem a maior responsabilidade em dizer versos e comandar o grupo é chamado de “Careta-Véio”. Ele veste a mesma farda que os demais, mas geralmente tem um objeto que o diferencia, como um lenço amarrado na cintura.

Há uma música chamada “Sanharó” com o seguinte refrão: “sanharó, me mordeu mas não doeu”. É mais um momento onde os caretas falam da assistência e fazem piadas com seus nomes. Fazem “trufia” (apostas e desafios) entre si e ficam dizendo “belas” (trocadilhos) tudo em forma de verso. Costumam dizer coisas engraçadas e pornográficas. Como observa Barroso (2007:137), em seu estudo sobre os Reisados de Careta no Ceará “Alguns deles usam orações paródicas, versos feitos e fórmulas fixas também encontrados em outros Reisados”.

Os caretas nunca são menos de três, porque representam os Santos Reis do Oriente. E podem ser mais. No grupo “Reisado Encanto da Terra”, de Caxias, giram em torno de oito. A explicação do dono, Sebastião Chinês é que assim fica mais bonito, mais animado. É o personagem de grande destaque, muita gente pede para brincar e ele deixa. Mas sabe que:

“O certo são três mesmo. Acho que vou botar mais gente, porque tem aqueles meninos que brincam naqueles brinquedos ali, que querem botar careta, aí agente vai fazer o que? O jeito é deixar. Não quero botar porque, já tem muito, e muito demais é muito, complica demais. Quando eu comecei não, era bom, era três, quatro careta, no princípio de brincadeira que eu tinha. Mas só que tá bom demais, muita gente aí, todo mundo animado. Aí eu vou caçar quem vai sair no boi, no babau, que ainda não tem”. (CHINÊS, Sebastião;2007).

Suas fardas, isto é, indumentária genérica para diferenciar do vestir cotidiano e, assim como a máscara, dificultar o reconhecimento da pessoa que ali está atuando, são feitas de palha de buriti, já os formatos variam de reisado para reisado. Em Vargem Grande, só usam a saia com um cofo pequeno pendurado na cintura, cheio de lata para fazer zoadas quando eles sapateam. Em outros lugares, eles vestem também um colete feito de palha. Segundo Corrêa, o careta:

Apresenta-se de maneira peculiar, usando uma longa saia entrançada feita de imbirá

(palha de tucum esfiapada); seu tronco fica coberto por uma espécie de peitoral, mais ou menos do mesmo feitio da saia, que lhe fica preso ao pescoço. O seu modo de vestir lembra guerreiros africanos e índio da tribo dos Canelas do Maranhão. (CORRÊA, 1977: 9)

As máscaras podem ser feitas com qualquer tipo de material como latão, papelão, tapete, plástico, couro de animal, etc. No grupo que acompanhei, elas são feitas de couro de boi, possuem uma coroa embutida feita com tecido brilhoso e são semelhantes entre si. O nariz tem geralmente um formato comprido e cilíndrico, a boca pode ter dentes e língua e a barba é feita com pelos de crina de cavalo ou boi. São costuradas em um pano que é vestido na cabeça do brincante ou pode ser fixa por uma fio, tudo conforme o grupo achar mais viável. Servem para esconder a cara do brincante, que fica a vontade para dizer todo tipo de pilhéria para a assistência, aos músicos e entre si.

Os caretas sempre levam algum objeto na mão. Pode ser um “chicote de couro, comprido tendo na ponta pedaço de cordão esfiapado, que provoca fortes estalos” (Corrêa,1977:10) ou uma taca, um pedaço de pau. Tem por função assustar a assistência junto ao barulho que os caretas fazem com a voz e também são usados na dança chamada “Corta Jaca”, feita em alguns grupos. Ela se desenvolve da seguinte forma: Os caretas colocam suas tacas no chão e vão dançar por cima delas, pulando de um lado para o outro em um sapateado que levanta poeira, mas não podem tocá-las. Se algum esbarrar nas tacas do chão, apanha dos outros caretas, de brincadeira. Essa dança desperta o riso da assistência, assim como o “Sanharó” e a “morte do careta” que só ocorrem algumas vezes, podendo passar um noite toda sem acontecer.

É possível observarmos alguns grupos que fazem “a morte” ou “a palhaçada” ou “a comédia” do careta. Conforme Sebastião Chinês,

“A morte do careta não tem nada a ver com a morte do boi. O careta tem a morte dele, o boi tem a morte dele também. O boi do Reisado, aqui nós não matamo. Aqui nós não fazemo aqui, só que já ouvi falar em Reisado que mata mas ainda não vi, né? Tem Reisado que no derradeiro dia eles pegam, laçam , fazem aquela morte do boi”  
(CHINÊS, Sebastião;2007).

Em Caxias, pode ser no final ou no meio da brincadeira que acontece a “morte do careta”. Um careta cai no chão, se fazendo de morto. Os outros caretas vão tentar lhe reanimar com todo tipo de palhaçada e só conseguem quando ameaçam enfiar a taca ou o chicote comprido de couro no anus do morto, como se fosse uma injeção. Então, o careta que estava

desacordado levanta e sai correndo. Depois desta cena é a vez do “baião dos caretas”.

Baião<sup>13</sup> é festa bem popular nas cidades que abarcam a fronteira do Maranhão com o Piauí. Quando a população local fala em baião, está se referindo à música, à dança e a festa em si. Nesta região, é comum ter baião nos finais de semana. Pela semelhança entre os versos e a forma de se dançar, acredito que o baião é uma derivação do que Oliveira, N. (1977:25-26) classifica como Pagode, em seu livro “Folclore Brasileiro – Piauí”. Para o autor, “é dança de negro, mas todo mundo participa. Na cidade de Amarante, raro é o sábado em que não se ouve o batuque [...] É uma tradição que vem do tempo da escravidão”. Transcrevo aqui um trecho coletado por Oliveira, para que possamos observar a similaridade:

Boi estrela mangueira  
Boi estrela mangueira  
Quem te ensinou a dançar

Rodou, trocou  
No pilar café  
Quero me casar  
Mas papai não quer

A cobra salamanca  
É uma cobra de agonia  
Se pisar no meio quebra  
Se pisar no rabo chia

A seguir, o relato de Sebastião Chinês que evidencia a renovação que ocorreu na brincadeira com o passar dos anos. “Agente fazemo para descançar mais. Aí no derradeiro dia agente tem que fazer. Agente tem dois baião. Tem o baião antigo e o que foi feito agora para esse ano. Antes era *boi estrela mangueira*. Nós mudamos para não falar no boi”. Agora é assim:

Ai,ai,ai,ai ô mangueira  
Ai,ai,ai, ô mangueira  
Pra que mandou me chamar

Pisei pilão de pisar café  
Eu quero me casar  
Mas papai não quer  
Eu procuro porque é  
é,é,é,é

Cobra saramanta  
É uma cobra de folia  
Se pisar no meio eu quebro

---

13 “Baião” ou “baiano” designam um tipo de dança viva, veloz, que exige habilidade de pés, e de música com células rítmicas e melódicas visíveis de cocos, sempre binárias. (CASCUDO; 2002:41-42)

## Se ficar no mato chia

A sequência de aparição e as próprias personagens mudam de um Reisado para outro e até mesmo dentro de um mesmo grupo, ao decorrer do tempo. Cada uma tem sua música específica que é entoada na hora que elas devem entrar em cena. As formas de dançar e os passos são também exclusivos de cada personagem, assim como a vestimenta e o boneco. No “Reisado Encanto da Terra”, no ano de 2007, tinham duas burrinhas, um boi, um jaraguaia, um babau, uma nega-véia ou cabeça de fogo ou pião, uma ema e um galo. Para o próximo ano eles já estavam programando de colocar a sariema. No Reisado Careta de Timon, há também a pomba e a caipora.

É o careta que chama a burrinha, também chamada de burrinha-de-meu-amor, com um punhado de farinha no papeiro para atraí-la para o meio da roda. Os cantadores chamam: “Lá na minha casa tinha um pé de qualquer nome de um pau, que falar um nome de um careta para trazer a burra”. O brincante vem nela montado. Ele usa camisa de manga comprida, calça e chapéu vistosos. A burrinha é feita com uma armação que pode ser de madeira ou cipó, coberto com peças de pano colorido. Sebastião Chinês me explicou as transformações que ocorreram sobre a música da burrinha da seguinte maneira: “de primeiro agente cantava assim”:

Tome , tome minha burrinha  
Vem beber mingau  
Tem açúcar, tem manteiga  
Na colher de pau

“Mas aqui nós já botamo ela assim”:

O Careta-Véio  
Mais o Caretinha  
Tú vai lá fora  
Buscar farinha

O Careta- Véio  
E o careta novo  
Faz a alegria  
Pro meio do povo

Lá vem aurora  
Lá vem o dia  
Chegou burrinha  
Que nós queria

“Ficou mais interessante assim, porque a burrinha tem que vir para o meio do povo, né? Pra



esses tempo que agente tá botando assim, porque cada ano agente bota um pé novo. Tem sempre umas que agente muda, outras agente fica direto mesmo”.

Apesar do gosto pela inovação que notamos neste grupo, há outros que preferem fazer “como do jeito antigo”. Porém, uma coisa todos me disseram: “que hoje tá tudo muito violento, não se pode mais roubar nada da casa de ninguém”, costume que fazia parte da brincadeira. Para fazer graça, os caretas entravam na casa, pegavam algum objeto, entregavam para o babau que chegava a quebrá-lo, o que hoje em dia torna-se inadmissível. Mas o babau continua sendo o brinquedo mais violento e também o que desperta mais euforia na assistência. Ele é feito com uma carcaça de cabeça de cavalo ou jumento, com a queixada que abre e fecha fingindo estar tentado morder os caretas, que fogem se jogando em cima das pessoas, causando grande alvoroço. O careta tenta dominar o babau, montando em cima de sua garupa. Quando isso acontece, saem de cena, sob o aplauso de todos.

Babau é o nome que se dá para o jogue na região. Antigamente os caretas quebravam a cabeça do babau com suas tacas no último dia de brincadeira mas hoje isso já não acontece, pois está cada vez mais difícil achar a carcaça. Sebastião Chinês explica o motivo da mudança: “achei que tava dando prejuízo para mim porque isso é difícil demais do cara tá fazendo todo ano. Agente fazia porque o povo acha bonito, mas quando chega no tempo, cumpade vai andar atrás de cabeça, aí eu parei um pouco com isso aí”. A cantiga do babau que eu recolhi no festejo de Caxias faz referência ao Piauí e ao Pará, estados limítrofes com o Maranhão:

Eu botei meu milho no coxo  
Pra chamar cavalo véio  
Meu cavalo, velho  
tome,tome,tome,tome

Careta-Véio tem cuidado  
Senão o bicho te come  
Ele vem com a boca aberta  
Ele vem danado de fome

Meu cavalo veio  
tome,tome,tome ( caretas respondendo)

Meu cavalo vem de longe  
Ele vem lá do Pará  
Meu careta vem do lado  
Que tá na hora de brinca

Meu cavalo vem de longe  
Ele vem do Piauí

Meu careta vem do lado  
Tá na hora de subir

Já o jaraguaia, também é feito com a carcaça de cavalo ou jumento mas sem a queixada. Porém, o grupo de Timon o fez de madeira, “porque está muito difícil de localizar a cabeça do animal”. Ele tem os passos mais lentos, um pescoço comprido coberto por um pano geralmente de chita que cobre o corpo todo do brincante. Olha de cima como se fosse uma assombração mas não mete medo nem nos caretas nem na assistência. Sua música faz referência à viagem para Bahia, provavelmente por ser um destino bem comum no ciclo do gado sertanejo.

Jaraguai vou me embora  
Que eu já disse que vou  
Vou me embora pra Bahia  
Cidade de Salvador

Vou me embora , vou me embora  
Como eu já disse que vou  
Eu volto para o ano  
Se lá eu ainda vivo for

A personagem Nega-Véia ou cabeça de fogo é feita com uma cabaça ou cumbuca, onde desenham e cortam as bocas, olhos e nariz e acendem uma vela dentro. É também bastante alta e o brincante fica por dentro do pano, com um buraco apenas para colocar os olhos para fora, como se fossem o umbigo da grande boneca. Em alguns grupos, são vestidas por homens que levantam a saia para fazer graça à assistência. É a única figura feminina que eu pude observar. Segundo os brincantes, mulheres podem brincar em qualquer bicho mas ainda não tive notícia de nenhuma vestindo careta nos Reisados da região.

O nega marvada  
Tu matou meu gavião  
Foi tu nega  
Não fui eu  
Não fui eu não

A Nega-Véia  
Quando vem das aroeiras  
Ela vem com o pé ligeiro  
Deixando a poeira voar

Se despede minha nega  
Dá um paço e vai simhora

O boi do Reisado Careta é maior e mais desengonçado que o do Bumba-meu-boi.

Alguns chamam de “boi espalha merda”, pois é mais lento e anda como se estivesse nadando. Em alguns grupos o tecido de seu corpo é feito de chita, já em outros tem um couro de veludo preto bordado com o nome do grupo.

Chegou meu boi  
Vamo vadiá  
Boi do sertão  
Vamo vadia

Chegou meu boi  
Na minha cama  
Chegou meu boi  
O de baixo da rama

A ema tem o corpo parecido com o do boi, onde o brincante também como um miolo, fica por baixo da armação. A ema tem um pescoço fino e comprido e um bico que pode ser de verdade ou de qualquer material que o imite. Ela vem tentando bicar os caretas.

Ô ema, Ô ema  
Vou dançar a sariema  
Olha o passo da Ema  
Vou dançar a Sariema  
Olha o bico da Ema  
Vou dançar a Sariema  
Olha a canela da Ema  
Vou dançar a sariema  
Sacode minha Ema  
Olha a asa da ema  
Se despede minha ema  
Para o ano vou voltar

O brincante do galo dança como se estivesse ciscando.

Senhora dona da casa  
Careta está na porta  
E o galo dança no terreiro

A caipora é feita com uma quibane (peneira de palha) na cabeça e um pau atravessado como se fosse o braço, com um lençol branco por cima e a língua é feita com um lenço vermelho, caído para fora da boca. O grupo que acompanhei não coloca esse brinquedo, bastante comum entre outros grupos de Reisado Careta no Maranhão. É feito geralmente por uma criança, pois é uma figura bem baixinha. Se é o neto do dono do grupo que faz, quando esse cresce, muda de brinquedo e é preciso arrumar outra criança para vestir a caipora.

Para cada personagem que aparece no Reisado Careta, Sebastião Chinês tem uma explicação lógica. Diz que os caretas são os Reis Magos e os bichos os animais que estavam

presentes no estábulo onde nasceu Jesus Cristo. O boi, a burrinha e o galo aparecem tradicionalmente nos presépios. A ema estava lá para catar os carrapatos da pata do boi, segundo ele. O babau representa um cavalo velho. A nega-véia, ou cabeça de fogo, é a encarnação de Satanás e o jaraguaia o representante das almas.

### 3.3 Religiosidade na brincadeira

*Santo Reis* é uma entidade muito cultuada na região do sertão do Ceará, Piauí e Maranhão, além de outras localidades. O catolicismo popular elevou os três Reis que entregaram presentes ao menino Deus à santos, embora a Igreja católica não os tenha canonizado. Na Bíblia Sagrada, Novo Testamento, Mateus (2, 1-12) relata como se deu o encontro dos reis com o Rei:

#### Os magos do oriente

Tendo, pois, nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram do oriente a Jerusalém uns magos que perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? pois do oriente vimos a sua estrela e viemos adora-lo. O rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se[...]perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo. Responderam-lhe eles: Em Belém da Judéia; pois assim está escrito pelo profeta[...]partiram; e eis que a estrela que tinham visto quando no oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem eles a estrela, regozijaram-se com grande alegria. E, entrando na casa, viram o menino com Maria sua mãe e, prostando-se o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. Ora, sendo por *divina revelação avisados em sonhos* para não voltarem a Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho. (MATEUS, 1990, grifo nosso)

Na sabedoria popular, muitas revelações se dão através de sonhos. Quando um devoto se encontra com alguma dificuldade, geralmente é em sonho que ele toma conhecimento do que precisa fazer para se curar. Muitas vezes é o próprio santo quem aparece no sonho dando a “receita” da cura. Assim, ao acordar, o devoto vai procurar a solução do problema que fora prescrita ou pode mesmo já acordar curado, faltando-lhe apenas o pagamento da promessa que se dará geralmente por um período mínimo de sete anos, conforme tradição local. Prado (2007:176) já observara que entre os integrantes das culturas populares maranhense “as imagens oníricas não são tomadas como “pesadelos” que logo ao acordar se dissipam e são afastadas como mentirosas ou desprovidas de sentido, mas como mensagens, predileções, advertências às quais o sujeito deve dar ouvidos e obedecer”.

[...] as interações sociais mais íntimas com os seres supraterrrestres são vividas pelo indivíduo, principalmente, mas não exclusivamente, no transcurso de um sonho.

Aliás, o fato de contactar as entidades extra-humanas, no sonho, acresce em legitimidade o conteúdo das revelações, do mesmo modo que acarreta prestígio aos experimentadores. Confessar que assim se age porque assim se sonhou, contribui socialmente para desfazer qualquer dúvida gerada a respeito das decisões e condutas tomadas. (PRADO, 2007: 176).

Apesar de serem através de sonhos que a maior parte dos devotos recebe suas revelações, estas também podem ocorrer em outras ocasiões como através de seres encantados nas casas de terecô ou tambor da mata, muito comuns e frequentadas na região ou através de vozes que os chamados “sensitivos” são capazes de escutar. Raimundo Magarefe, morador do Bairro Campos de Belém na cidade de Caxias, começou a cantar no Reisado Careta por promessa. Contou-me que seu filho teve o pescoço cortado e que para salvá-lo, brincaria de careta para *Santo Reis* lhe ajudar. Foi agraciado. Foi a única vez que saiu de careta e fez questão de dizer que seu lencinho voltou recheado; sinal de que tinha feito muita graça e fora reconhecido por tal, segundo ele. Não brincou mais, até ficar com o pé bastante ruim e ter uma revelação de cura em sonho. Sonhou com *Santo Reis*, um novilho branquinho no cruzeiro de Juazeiro do Norte - CE, ao lado de Padre Cícero. Quando acordou, seu vizinho foi lhe convidar para cantar Reis e ele aceitou. E então, o machucado do pé que estava muito feio, sarou. Não precisou mais andar calçado. Passou para o chinelo e logo depois, pôde andar da maneira que mais lhe agrada, descalço.

Dona Nair, além de possuir um grupo de Reisado Careta na Barra do Inhinga, município de Matões, é rezadeira e tem um salão de terecô. Um dia, seu marido chegou em casa “doido, andando de um lado para o outro e sem dizer coisa com coisa”. Então, a senhora foi ao pé da imagem de *Santo Reis* e o pediu para livrar seu marido dessa tormenta. Se comprometeu a rezar sete anos e então ouviu uma voz dizendo que era só fazer um chá de pimenta para o velho ficar bom. Antes de completar os sete anos, o marido adoeceu de novo e a voz com o segredo para curar apareceu de novo também. Então ela resolveu que não vai mais parar. Enquanto puder, vai andando, seguindo a jornada de *Santo Reis*.

Nesses contextos, a cura é tida como um milagre. E não é simplesmente o efeito do medicamento em si que faz os doentes recuperarem a saúde, na percepção do devoto, pois este seria apenas o canal de comunicação através do qual a divindade aplicaria sua benção. Pude chegar a essa reflexão, inclusive, porque os males para mim relatados variavam entre loucura, dores na perna, feridas no pé e corte na garganta. Esta disparidade de

problemas demonstra que as indicações das “garrafadas” e chás de plantas nativas só surtiam efeito por estarem atrelados ao principal elemento para o processo de cura: a fé<sup>14</sup>.

Entre os donos dos grupos com quem conversei com exceção dos que receberam a brincadeira por herança familiar, todos começaram a “tirar reisado”, como pagamento de promessa. Há também os promesseiros que não chegam a montar um grupo em si, participam pagando suas promessas veiculados a um grupo com quem tenham contato. Os versos de “abrição de porta” fazem referência à ajuda que o dono da promessa, que se encontrava doente, recebe através da benção do santo.

Ô de casa ô de fora  
Menina vem ver quem é  
Santo Reis na sua porta  
Ele veio te abençoar

Venha ver os santos reis  
Venha logo minha gente  
O dono dessa promessa  
Se achou muito doente

O senhor, dono da casa  
Eu voltei para ti chamar  
Venha ver o Santo Reis  
Ele pode te ajudar

Pude observar uma devota que seguiu a brincadeira durante uma noite, acendendo velas no chão na frente de todas as portas por onde a jornada passou, como forma de agradecimento à *Santo Reis*. Outra senhora, como forma de pagar sua graça alcançada, deitou-se no chão em baixo da santidade durante toda a cerimônia de reza do terço que geralmente acontece antes do grupo sair para a jornada. Há devotos que levam animais que se encontravam doentes e ficaram bons, depois de promessas feitas à *Santo Reis*, para acompanharem a caminhada do Reisado também como forma de agradecimento ao Santo.

Todo dono (a) da casa que abre a porta para o Reisado brincar tem devoção por *Santo Reis*. Acreditam que é uma forma de agradar ao Santo e assim receber a benção D’ele, para si e para sua família, naquele momento de festa e para todo o ano que se inicia no período natalino onde a manifestação acontece. Tudo é acertado com o dono da brincadeira com certa antecedência. Portanto, os devotos já estão à espera do grupo e só fingem estar com

---

14 Sobre a eficácia simbólica da fé ver Durkheim (1989) e Lévi-Strauss (2003).

as portas fechadas e as luzes apagadas, quando ele chega. Mas se o Reisado chega e o dono não abre a porta, os caretas começam a praguejar contra a pessoa que não abriu.

Quando o devoto recebe a bandeira com a imagem de *Santo Reis* em sua casa, é como se estivesse recebendo o próprio santo. Ela é beijada e reverenciada com toda sacralidade. Alguns grupos andam com um andor onde podem levar o santo em uma espécie de desenho fotográfico ou em imagem. Apesar de os próprios caretas simbolizarem os Reis Magos e sua peregrinação está sempre relacionada com o caminho que Eles fizeram para chegar até Belém, a imagem trazida no andor e na bandeira é detêm o maior poder simbólico para a devoção local.

Este desenho fotográfico vem geralmente do Canindé, trazido por caixeiros viajantes do sertão, ou pelos próprios festeiros, por essa ser uma cidade de intensa peregrinação da região. É um desenho onde aparecem os Três Reis e seus presentes sendo entregues ao menino Jesus, deitado em sua manjedoura. São José e a Virgem Maria também estão retratados na imagem. Já, o santo de madeira ou de gesso, é apenas um rei, o *Santo Reis*, já divinizado pelo catolicismo popular. Nota-se que não é nenhum dos Três Reis especificamente mas a personificação dos três em só uma entidade.

Alguns brincantes do “Reisado Encanto da Terra” falaram que apesar de terem muito respeito e até louvarem *Santo Reis* durante suas participações no Reisado, estão ali majoritariamente para se divertir. O motivo do grupo apresentar cerca de oito caretas é realmente para animar mais a festa. Porém conforme observou Gonçalves (2008) em Caraíbas, povoado do município de São João do Sóter, há um grupo de Reisado Careta onde o número de caretas pode chegar até a trinta. Lá os brincantes são todos penitentes, brincam no Reisado para pagar suas promessas e a procissão que ocorre no povoado no dia 06 de janeiro é feita para louvar não apenas *Santo Reis* mas também Nossa Senhora da Conceição.

Em Nazaré do Bruno, povoado localizado a 70 quilômetros da sede de Caxias, o grupo de Seu Luís Domingos faz a festa do dia 06 de janeiro dentro do seu terreiro de terecô. Nessa ocasião, todas as personagens brincam simultaneamente. Nazaré do Bruno é tido com um lugar de muita magia. Bruno era um curador que se mudou para a região e as pessoas que iam para lá se curar com ele, acabaram ficando para morar. Hoje há cerca de oito a nove terreiros nesse povoado e dois grupos de Reisado Careta. Dona Nair, que já morou em Caxias e hoje mora em Barra do Inhinga, povoado de Matões também tem um terreiro de terecô e é

dona de Reisado Careta. Dona Martinha também é rezadeira, além de dona de Reisado Careta. Já o grupo de Sebastião Chinês, vai brincar no terreiro que o convida.

Alguns grupos de Reisado Careta têm o costume de fazer o “pedido de abrigão de porta” no cemitério. O reisado tem uma cantoria específica para essa ocasião que difere daquela cantada em outras portas. Muda o conteúdo dos versos e o formato também. Dona Martinha que mora no centro de Caxias, amanhasse do dia 05 para o dia 06 de janeiro no “Cemitério das Pedras”, onde está enterrado seu marido. Só visita a sua cova, onde faz uma cantoria específica para ele. Nas Caraíbas, povoado de São João do Sóter, a procissão que acontece todo dia 06 de janeiro vai até o cemitério e faz a visita para algumas covas onde estão enterradas pessoas que eram ligadas à brincadeira. Lá o festejo não é só para *Santo Reis* mas também para Nossa Senhora da Conceição. Então, tem bastante gente que acompanha a jornada para pagar suas promessas. É lá inclusive que tem um cavalo que acompanha a procissão a alguns anos. No livro de Ramos (2003), tem uma foto ilustrando esta cena.

Na região do Médio Itapecuru esse movimento de visitação de covas é bastante comum. As brincadeiras como o Bumba-meu-boi, a Divindade e o Tambor-de-Crioula também o fazem. Os donos das brincadeiras vão ao cemitério homenagear algum integrante falecido. Quando o dono da brincadeira é quem falece, os outros integrantes ou a família organizam a visita de cova, geralmente no dia de seu aniversário de morte. Os conhecidos saem da frente da casa do falecido e seguem em procissão, junto aos músicos e os outros integrantes do grupo, com seus acessórios e adereços, até a cova onde ele está enterrado. Lá se dá a cantoria especial em sua homenagem. As mulheres idosas choram. Então, todos fazem o caminho de volta para a porta da casa do morto e lá acontece a brincadeira completa. Como é costume, algumas pessoas serem donas de mais de uma brincadeira, a cova pode ser visita por todas elas de uma só vez.

A relação entre as brincadeiras é bastante estreita na região. Grande parte da população local tem devoção por vários santos. Observei que a maioria das casas tem uma santidade em algum cômodo. Ali, geralmente, encontramos as imagens dos santos do corrente mês. O de maior devoção do dono da casa fica localizado no centro, seguido à direita na ordem dos que virão e à esquerda, do que já passou. Por exemplo, em dezembro, a imagem de *Santo Reis* pode ficar no meio (já que começa ser festejado no dia 25 desse mês). Se for dia



dez, Santa Bárbara fica à esquerda e Santa Luzia, que será reverenciada no dia 13, à direita. Essa alocação dos santos também se dá nas casas de culto afro-brasileiro do Maranhão.

A ligação que *Santo Reis* tem com o Divino Espírito Santo me foi sinalizada por todos os donos de Caretas com quem conversei. Dizem que “a Divindade anda de dia e o Reisado anda à noite” ou até que “*Santo Reis* é primo-irmão do Divino Espírito Santo”. Divindade são grupos que fazem uma jornada, com música, canto e poesia para louvar o Divino, muito comum na região. Festejam geralmente no mês de maio, próximo ao Domingo de Pentecostes. São formados por quatro pessoas no coro, como no Reisado. Também carregam a bandeira com a imagem da Divindade bordada ou pintada em um tecido. Levam a imagem da pomba do Divino, em madeira ou gesso, dentro do andor. Os instrumentos utilizados costumam variar entre rabeca, violão e caixa, tocados majoritariamente por homens. Dona Nair nos cantou o seguinte “pé”:

Santo Reis mais o Divino  
Nasceram tudo num dia  
Santo Reis pelo careta  
Divino pela folia

Dona Nair como chamam Alaíde, trabalha na roça e cria porcos para assar nos dias de festejo. Dona do salão de terecô, dona de Reisado Careta, faz Roda de São Benedito, Roda de São Gonçalo e Pastor. Reza três dias para São Bento, com procissão e 31 dias para a Virgem Imaculada da Conceição. Disse que o cortejo do festejo do Divino Espírito Santo já se hospedou em sua casa. Se sente satisfeita por trabalhar no campo da saúde, que considera uma coisa especial, positiva, referindo-se aos processos de cura desencadeados por suas rezas. Quando faz roda de São Benedito<sup>15</sup> contrata tocador de violão e sanfona e ela mesma vai dizendo os versos:

Meu São Benedito  
Vós nos dá  
Meu São Benedito  
No pé do altar

Meu São Benedito  
É um santo de preto

---

15 “Santo popular na Sicília, nascido em Sanfratello e falecido em Palermo em 4 de abril de 1589, com 65 anos de idade. Preto e humilde, não aprendeu a ler e chegou a guardião do seu convento. Profeta e taumaturgo, era venerado em toda a ilha, e sua imagem foi divulgada antes da canonização regular [...] Sua cor popularizou-se entre os negros, e no Brasil tem prestigioso culto tradicional[...]” ( Cascudo, 2002:62)

Que fala na boca  
Responde no peito

Que santo é aquele?  
Que está sentadinho?  
É São Benedito  
Bença meu padrinho

Podemos observar que os versos fazem referência à aspectos do cotidiano da gente que festeja o Santo. Fazem alusão ao altar presente na maioria das residências da região, relembram sua inclusão como um “santo de preto” na tradição popular e ainda remetem à importância que o compadrio exerce em certas camadas da sociedade. Além de representar a origem africana da população brasileira, o festejo para São Benedito, também evoca questões da tradição portuguesa. Nota-se nos versos entoados por Dona Nair, transcritos a abaixo, a valorização da vestimenta do Santo, que pode simbolizar o cuidado exercido pelos festeiros para com a ornamentação dos objetos ritualísticos de seus festejos.

Meu São Benedito  
Não quer mais a crôa  
Só quer uma camisa  
Feita em Lisboa

Meu São Benedito  
Já comprou fazenda  
Camisa de seda  
Enfeitada de renda

Consta no livro “Folclore Brasileiro – Piauí”, de Noé Mendes de Oliveira (1977), que a Roda de São Benedito:

Não é tão difundida como a de São Gonçalo. Faz parte da Novena em homenagem ao santo. Depois das rezas, organiza-se a roda, que tem coreografia simples, com volteios e ritmo bem marcado. É de caráter religioso, tanto que o batuque só é dançado depois de todas as funções religiosas, inclusive o leilão. Duas fileiras de homens e mulheres fazem evoluções em torno do altar improvisado, ao som de instrumentos, cantando[...] (OLIVEIRA, N., 1977:24)

Dentre os cinco versos que o autor transcreveu em seu texto sobre a Roda de São Benedito, observamos um exatamente igual ao que Dona Nair nos mostrou trinta anos depois, o que demonstra a permanência de certos costumes e tradição das culturas populares da região. Esse mesmo verso também está registrado no livro sobre o tambor de crioula, de Sérgio Ferretti (2002), que é igualmente uma manifestação de louvação à São Benedito.

Dona Nair encara as rezas e festas como obrigação. Tem consciência de que é muita coisa para estudar e para fazer mas faz sem decorar. Pede firmeza, vai cantando e os versos vêm vindo. Não sabe explicar que memória é essa. Disse que alguns padres aceitam as brincadeiras devocionais do catolicismo popular, outros não. Contou que pode rezar fora do tempo, isto é, fora do período em que se festeja o santo que não há problema, e até já foi apresentar o Reisado Careta no colégio e na faculdade de Caxias, onde já morou. Na Barra do Inhinga, interior onde dona Nair mora atualmente, existem casas distantes duas léguas uma da outra, então o grupo acaba levando mais tempo para visitar um menor número de casas do que nos bairros das cidades onde há muitas casas próximas. Ela disse que seu grupo começa a jornada pelas 20hs e só acaba no amanhecer do dia. E que apesar de os brincantes dos caretas beberem, ela não trisca em nada alcoólico. “Se não souber andar, babau cachimbo de pau”.

Nunca colocou a personagem ema, porque o bico é de ferro e poderia machucar. Falou que pretende colocar o brinquedo besouro, que tem cantiga e apesar de ainda não ter aprendido, vai botar. Também gostaria de colocar o Pinhão, brinquedo que olhou em Teresina. Gosta do boi feito com palha velha de banana, pois acredita que apesar de o povo gostar de coisa nova, deve fazer como no tempo antigo. Como no “boi de caboclo”, maneira como os brincantes se referem ao Bumba-meu-boi na região, que tinha que ter Pai Chico e Catirina, com balaio de baixo do vestido para mostrar que estava “buchuda”. Também tinha o Doutor da Medicina, o Doutor Cachaça:

Oh Doutor Cachaça  
Boi que morre  
Pula por cima do boi  
Lapada nele

Como não observei a brincadeira do grupo de Dona Nair, que no Natal de 2007 havia voltado para seu interior mas transcrevo alguns versos que ela amigavelmente cantou para mim em outra circunstância:

Ô de casa ô de fora  
Maria vem ver quem é  
É a Armada Brasileira  
Embarcação da Maré

Santo Reis do Oriente  
Me mandou que cá viesse  
Tirando suas esmolas  
Que suas esmolas desse

Quando Deus andou no mundo  
 Disse para São Pedro assim  
 Quem não quer pobre na porta  
 Também não quer a mim

Lá nos pés de Santo Reis  
 Nasceu açucena cheirosa  
 Quatro cravo, quatro rosa  
 Nos pé de Nossa Senhora

Não foi possível identificar uma data precisa para o surgimento da manifestação. Quando questionados por uma provável data, os brincantes respondiam que sempre existiu. Dona Nair conta que o Reisado veio do começo do mundo. “Todos brincam, existe no mundo inteiro”. É uma brincadeira que existe para louvar à *Santo Reis*. Atualmente, porém, não é apenas no contexto devocional que a brincadeira acontece. Fora do período natalino é possível e bem quisto pelos grupos o contrato para eles se apresentarem, no aniversário da cidade, em dias festivos como o do trabalhador, o do folclore, em escolas, universidades, congressos e até mesmo em programas de televisão. A seguir descreverei algumas situações distintas onde pude observar essas diferentes formas de se apresentar.

#### 3.4 A diversidade na forma de se apresentar

Meu primeiro contato com o Reisado Careta de Caxias se deu no dia 30 de agosto de 2007. Fui com Pelé, grande incentivador das culturas populares e funcionário da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Caxias à sede do grupo. Como Pelé já havia lhes avisado que iríamos, estavam todos no quintal a nossa espera. Conversamos bastante, contei-lhes sobre meu interesse em fazer uma pesquisa sobre o Reisado Careta e eles ficaram bem satisfeitos com a idéia. Qualquer interesse sobre a manifestação é encarada pelos brincantes como um reconhecimento do empenho que eles têm em manter a brincadeira atuante, como um estímulo para que eles continuem a vivenciá-la. Fora isso há a expectativa de que a divulgação do folguedo, mesmo que somente nos meios acadêmicos, possa trazer benefícios para o grupo, apesar de isso nem sempre acontecer e de algumas pessoas considerarem negativa essa exposição, com receio que as manifestações se descaracterizem.

Já nesse primeiro momento, os integrantes do “Reisado Encanto da Terra” foram se preparar para encenar uma parte da brincadeira para que eu pudesse ver. Com essa

atitude, eles estavam demonstrando que a pesquisa fora muito bem aceita e até mesmo desejada pelo grupo. Fique extremamente grata e a vizinhança também, pois ninguém esperava, nem mesmo eu, uma representação assim, de uma hora para outra. Certamente fui pega de surpresa. Em nenhum momento imaginei que eles fossem me apresentar sua manifestação votiva já naquele primeiro encontro. De forma algum sugeri que o fizessem, isto é conscientemente, já que minha presença ali foi o que os motivou para tal ato. Entretanto, mesmo concordando com o relato que Victor Turner deu em seu livro “O processo ritual”, referindo-se a experiência que ele e sua esposa tiveram em suas pesquisas pelo continente africano;

Durante todo esse tempo, nunca pedimos que um ritual fosse realizado exclusivamente para nosso proveito antropológico; não somos favoráveis a semelhante representação teatral artificial. (TURNER,1974:23)

fiquei satisfeita em poder ver, mesmo que fora de seu momento ritualístico, uma pequena representação da brincadeira , que eu vinha tentando me aproximar.

Mesmo porque fora uma manifestação espontânea, em seu lugar de origem e não uma apresentação para turista ou políticos verem. Apesar de alguns brincantes parecerem meio inibidos na hora da conversa, caracterizados, eles ficaram bem sem vergonha. Como demonstra DaMatta:

[...] esses rituais festivos ajudam a separar papéis sociais, pois neles todos se descobrem como duas pessoas: uma que atua no cotidiano, sendo séria e pouco dada a “brincadeira”, outra safada e malandra, capaz de operar como um ator perfeito, simulando as emoções mais proibidas e mais vergonhosas, ou, como falamos, as “mais baixas”. (DA MATTA, 1979:112)

Era como se o laço de reciprocidade entre nós estivesse começado a se estender naquele momento. Eu fui até lá esperando receber algum voto de confiança, ou pelo menos algum interesse, por parte dos próprios sujeitos rituais, para me dedicar, como estudiosa interessada no que eles vivenciam por brincadeira e devoção. Eu apenas conhecia as vestimentas e os instrumentos usados no Reisado Careta, distanciados por um vidro, expostas em um museu da capital. Então, por mais artificial que fosse essa encenação, já era como se aqueles bonecos, tivessem ganhado movimento, vozes, cheiro, ritmo; isto é, alma.

Meu segundo contato com a brincadeira aconteceu no dia 10 de dezembro de 2007, em São Luís do Maranhão. Dois grupos de Reisado Careta foram selecionados para

participarem da programação de Natal da Superintendência de Cultura Popular da Secretaria de Estado da Cultura na capital: o “Reisado Encanto da Terra” e o Reisado Careta de Timon. Depois das cerca de sete horas de viagem, os brincantes deixaram as coisas em um hotel localizado na Praia Grande e foram direto para o cortejo organizado pelo órgão, que saiu do Museu Histórico e Artístico-MHAM, na rua do Sol, passaram pela rua Grande e tiveram como destino a Casa do Maranhão, na rua do Trapiche, local que tem a proposta de ser “uma vitrine das belezas existentes no estado”, conforme podemos ler no site da instituição. Quem olhava se admirava com aqueles bonecos grandes e coloridos desfilando no meio da rua junto a seres mascarados, vestidos com saias e corpetes de palha de buriti, com chicotes e pedaços de paus nas mãos, fazendo uma grande arruaça e dizendo coisas engraçadas e ao inverso. Causavam certo estranhamento para os desavisados transeuntes, mas também certo encantamento.

A apresentação foi tratada como um espetáculo para agradar o público da casa. Cada um teve 30 minutos para se apresentar e passado esse tempo, eles voltaram à arena para mais dez minutos de show, sempre acompanhados por palmas, instigadas pelo ator responsável em apresentar os grupos e as brincadeiras. Na finalização, devido ao adiantado da hora, os grupos foram convidados a entrarem juntos em cena. Percebi certa inquietação dos brincantes, afinal, as músicas eram diferentes, os passos e até a sequência dos brinquedos dançarem, mas como a ordem era essa, eles obedeceram. Cumpriram com seu dever, ganharam o cachê e a tão esperada oportunidade de conhecer a capital do Estado em que nasceram, já que muitos vinham a São Luís pela primeira vez. Estavam todos demonstrando satisfação.

Sebastião Chinês se sente orgulhoso de “participar de uma entidade que pode representar o Estado”. Brinca fora de época “para ganhar um trocado, apesar de não gostar muito. Mas faz porque é um grupo humilde e precisa da verba”. Portanto, não é apenas o Santo que precisa da ajuda de seus fiéis. O dono da brincadeira, também precisa de apoio para arcar com as despesas e organização da festa. Sebastião Chinês reclama que não tem apoio do poder público, acha que deveria ter. Segundo ele, a Prefeitura de Caxias só contribui com uma caixa de som e um microfone e alguns homens para fazer a segurança, a paisana, na procissão que ocorre no bairro Campos de Belém, no dia de Reis. Por isso, pensa em montar uma

associação, com CNPJ, “como o grupo de forró Canário Verde, que recebe apoio”. Disse que não é o maior nem melhor mas que “tudo que fazemos com amor, com carinho, dá certo”.

O mito dos Reis Magos está presente em muitas civilizações. Porém, no Maranhão “Reisado é brincadeira de pobre”, como observar Dona Nair e outros donos de Reisado Careta da região. Todos reclamaram que não têm apoio e que a festa é muito dispendiosa. Dona Nair diz que não pede nada para ninguém mas que também não é mal educada de recusar uma oferta. “Hoje, onde andamos, só vemos coisa ruim mas *Santo Reis* é forte e no interior o povo ajuda muito”. Portanto são sempre louváveis as oportunidades que os grupos têm de se apresentar, na visão dos próprios brincantes. “A verba não é muita mas ajuda a enfeitar mais a brincadeira”, segundo Sebastião Chinês, que recebeu o valor de R\$ 250,00 no dia 1º de maio de 2007 para brincar na festa da cidade de Caxias, quando o salário mínimo era de R\$ 380,00. “Divido uns trocadinhos para os brincantes e junto o resto. Junto para madeira, roupa. Se tivesse condição financeira, patrocínio, essas coisas, todo ano mudava. Agente vai pechinchando para comprar, senão não dá”.

O “Reisado Encanto da Terra”, seja pela sua organização, pela maior facilidade do acesso à sua sede ou pelo fato de poder investir mais na brincadeira justamente por ter ido mais vezes se apresentar fora de seu contexto ritual e assim ter ganhado mais verba, tem sido mais privilegiado que outros Reisados do estado, inclusive nessa pesquisa. Isto se torna evidente, pelo fato do grupo ter sido o escolhido para gravar suas músicas em três faixas do CD “Maranhão de Natal” (Careta, 2001) e principalmente por terem sido levados à São Luís, para gravar umas imagens que foram veiculadas no Programa Especial Xuxa de Natal da Rede Globo de Televisão, no ano de 2005. A produção do Programa da Xuxa, havia contactado a Secretaria de Cultura do Maranhão, em busca de uma manifestação que retratasse de forma lúdica, através das culturas populares o natal maranhense.

Neste programa são apresentadas diversas manifestações natalinas das culturas populares brasileiras. Então, a Superintendência de Cultura Popular da Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão trouxe o “Reisado Encanto da Terra” em Caxias e os levaram para fazer uma gravação durante toda uma tarde no bairro da Madre Deus, região central da capital. Uma parte muito pequena da gravação foi aproveitada para o Programa exibido na noite de 24 de dezembro de 2005, exibido pela emissora. Mesmo assim, a alegria dos integrantes da filmagem ao assistirem a gravação, foi enorme. Gostariam de ter tido acesso à

todo o material filmado sem a edição, mas infelizmente esse, nem eu nem eles pudemos recuperar. O pesquisador Lúcio Enrico Attia, meu amigo pessoal, consultor e coreógrafo do Programa havia me chamado a atenção sobre a participação do grupo e me cedeu apenas a cópia caseira, que eu lhes entreguei, do que tinha ido ao ar.

Na noite do dia 24 de dezembro de 2007, tive meu primeiro contato direto com a brincadeira, acontecendo em seu tempo e espaço originais. Imersa em uma época de muita comoção, onde se festeja o nascimento de Jesus Cristo, símbolo de fraternidade, pude observar que a aura de uma esperança renovadora estava sempre presente nas falas e atitudes dos brincantes. Brigas de casais, entre irmãos, mãe e filha e mesmo entre amigos que vinham se arrastando dias, meses ou até mesmo por anos, foram desenroladas durante o período que durou a jornada. No dia 06 de janeiro, tive notícia de pelo menos três situações claras em que o perdão e o amor haviam tomado o lugar do conflito.

Nessa primeira noite da jornada de 2007, a brincadeira aconteceu na rua em frente a sede do grupo. A reza começou entre sete e oito horas da noite e durou cerca de duas horas. Muitos foguetes foram soltos durante a reza. As pessoas que chegavam eram na sua maioria idosos acompanhados por crianças. Os jovens foram se aproximando apenas quando iniciada a distribuição do bolo com café e ao início da parte profana da festa, a dança dos caretas. A presença de pessoas de fora do bairro era escassa. Fora eu e uma casal de amigos meus vindos do Rio de Janeiro que acompanharam a primeira noite do festejo, havia o Pelé (amigo pessoal do grupo e agitador cultural da cidade) e Zé Luís, a quem eu informei que a manifestação aconteceria, quando o conheci em visita à Academia Caxiense de Letras naquela tarde. Segundo me informou, tinha a intenção de contratar o grupo para uma apresentação na mesma, no mês de março, quando tomaria posse, como imortal.

Depois de guardarem os santos, os componentes foram vestir suas fardas, os músicos pegaram seus instrumentos e o povo se posicionou em forma de círculo para poder acompanhar o folguedo. A primeira noite é tida pelos integrantes do grupo como um ensaio geral, afinal eles não fazem a “abrição de porta” e só brincam uma única vez, em frente à sede. Os caretas começaram a fazer suas “belas”, muito engraçadas. São piadas criadas pelos brincantes naquele momento. Têm conteúdos pornográficos e de implicância com os aspectos físicos dos presentes. Toda a assistência acha graça. Os caretas também fazem suas “rufadas”, espécie de barulho misto de grito, uivo e gargalhada que tem a função de assustar mas acaba



aumentando a euforia daqueles que percebem que alguém levou um susto! Nessa noite o grupo fez o “baião dos caretas”, o “sanharó”, a “morte dos caretas” e as burrinhas, o boi, o jaraguaiá, o babau, a ema e o galo dançaram no terreiro. Por volta de uma hora da manhã a assistência já havia se desperçado e os brincantes se recolhido.

O dia seguinte, 25 de dezembro de 2007, feriado nacional, foi calmo. Era o descanso dos brincantes que já sabiam que nas próximas noites, dormiriam pouquíssimo. Quem quisesse “ir vadiar”, conforme colocou Sebastião Chinês, tudo bem, o compromisso com o grupo e com *Santo Reis* estava marcado para 19 horas do dia 26. A partir daí, o grupo tinha o compromisso de ir visitar cerca de 10 a 12 casas por noite. Cada noite era um bairro da cidade o visitado, sendo que o Campos de Belém ocupava duas noites, pelo grande número de devotos interessados em receber o Reisado em sua porta. A visita ao bairro Ponte é a mais esperada pelos brincantes, pois é o que agrega casas onde moram as famílias com maior poder aquisitivo e assim os “agrados” são mais elevados. Porém, em todas as noites a alegria e a satisfação de se estar brincando e louvando pode ser observada entre os brincantes e acompanhantes da jornada.

No dia 01 de janeiro de 2008 o “Reisado Encanto da Terra” foi brincar no interior do município de Caxias chamado Lagoa Feia. Era a casa de uma vizinha do bairro Campos de Belém, que havia sido curada em um problema na perna e tinha mandado chamar o Reisado para pagar sua promessa feita à *Santo Reis*, que lhe trouxe a cura. Ela foi responsável pelo aluguel do transporte, um caminhão com pedaços de madeira improvisados como bancos na caçamba, realmente lotado, com o qual chegamos na localidade três horas depois. Todos nós fomos recebidos com muitas hospitalidade e um almoço caprichado com arroz, feijão, farinha, saladas e carnes variadas.

Ao anoitecer a reza aconteceu em frente a divindade montada mesmo dentro da casa da devota. E depois o Reisado foi brincar no terreiro, isto é, no lado de fora da casa. A assistência se divertiu muito. A maioria estava assistindo pela primeira vez. Os integrantes, apesar de cansados da viagem, também gostaram muito de ter ido até lá. A volta aconteceu logo depois de terminada a obrigação. Mais quatro horas até Campos de Belém, pois dessa vez, com a chuva nos acompanhando e a escuridão da noite, o motorista teve mais cuidado com a estrada de terra batida.

No dia 06 de janeiro de 2008 a festa teve início às 17hs com uma missa na sede do grupo. Um altar foi montado no quintal, que havia sido coberto com um teto de palha, especialmente para essa ocasião. Um padre da igreja católica foi contratado para rezar a missa para *Santo Reis* e fazer o batizado de três crianças do bairro. Os familiares das crianças estavam muito contentes e tiraram algumas fotos. Soube que pagaram R\$ 50,00 por cada batismo, ao padre. Nos anos anteriores ocorreram casamentos, mas talvez pela falta de casais interessados em sacralizar sua união ou pelo preço elevado para a realização do casório, que nesse ano era de R\$250,00, não ocorreu nenhum. O valor do salário mínimo no período era de R\$ 380,00 entretanto, a população presente raramente ganha um salário completo, pois a grande maioria é agricultor e não chega a somar essa quantia no final de cada mês de trabalho.

Quando terminou a missa, já haviam muitas pessoas na rua e o caminhão com a caixa de som já estava pronto para dar partida à tão comentada procissão para *Santo Reis*, patrocinada pelos devotos, com dinheiro levantado pelo grupo durante a jornada, fora a caixa de som cedida pela Prefeitura de Caxias. Cada acompanhante levava uma vela acesa nas mãos. Éramos em torno de 300 pessoas acompanhando o carro com a imagem do santo e as preces em forma de cantoria, que uma senhora, rezadeira, entoava no microfone, junto ao caminhão. O percurso se deu no próprio bairro Campos de Belém. Alguns vizinhos iam se juntando a nós, na medida em que a procissão passava pelas suas portas.

O destino da procissão foi a casa ao lado da sede do grupo, pertencente a Dona Maria, *noitante*, amiga e grande colaboradora do grupo, onde foram depositadas os tocos de velas que ainda restavam, no pé de um cruzeiro improvisado. Ali também foi montada a banquinha onde se daria o leilão de garrafas de bebidas e bolos doados ao Santo. O leiloeiro com grande entusiasmo, fez todos da vizinhança se animarem em arrecadar os produtos oferecidos. Após o leilão, se fecharia mais um ciclo natalino, com a brincadeira dos Caretas. Eram tantas pessoas reunidas que ficava difícil de enxergar a movimentação dentro do “espaço cênico”. Mesmo cansados, após nove noites sem dormir; andando, dançando, tocando, cantando, bebendo, todos estavam renovados para mais um ano de labuta.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei esboçar neste trabalho alguns elementos do Reisado Careta do Maranhão, me baseando principalmente na observação do grupo “Reisado Encanto da Terra”, da cidade de Caxias. Entretanto, é preciso ter em mente que a visão aqui relatada é apenas uma das várias maneiras que existem de brincar o Reisado Careta. Inclusive, essa foi uma forma observada em um tempo preciso, período natalino de 2007 para 2008, e que certamente vem sofrendo alterações, inclusive dentro do próprio grupo estudado. Isto se deve ao fato do dinamismo presente nas culturas populares, que vão se modificando com o passar do tempo sem necessariamente perder suas raízes com tais transformações orgânicas. Portanto, tomo essa dissertação apenas como o registro de um determinado momento histórico. Que possui seu valor, principalmente pelo ineditismo do tema, embora não represente nenhum tipo de modelo de como é ou como deve ser esquematizada a brincadeira.

As festas populares amenizam a dureza da vida de seus brincantes. Para Bakhtin (1999) o autêntico humanismo que caracteriza as relações nas festas das culturas populares não é em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimenta-se concretamente no contato vivo, material e sensível que o ritual propociona. A força regeneradora do riso grotesco oferece a possibilidade de um mundo diferente. Pude aferir que o Reisado Careta é um espaço de comicidade e ludicidade. A brincadeira é penetrada pela vida dos brincantes, assim como a vida dos brincantes é penetrada pela brincadeira, gerando algo único porém com dupla face. Assim, o ritual é capaz de transformar a vida ordinária daqueles que dele participam, onde a graça e a esperança se expandem para o resto do ano na forma da fé.

Seja pela crença no milagre do santo, seja pela situação inter-estrutural que o ritual proporciona, o Reisado Careta dá a seus integrantes condições de uma transformação individual que para mim ficou bem clara quando alguns integrantes ao término da jornada vieram me contar que “fizeram as pazes” com alguém que estavam brigados. O fato do período natalino, dedicado integralmente ao Reisado pelos brincantes, ser um período de transição no qual o sujeito ritual está isolado do estado anterior mas ainda não foi introduzido no subsequente (Turner, 1974), trás a possibilidade de uma nova visão do mundo. A suspensão da vida social que esta fase liminar provoca, faz com que os brincantes deixem as

mágoas despertadas na vida cotidiana e se permitam ser contaminados pela alegria da vida festiva.

Conforme Turner (1974:162), “a estrutura tende a ser pragmática e mundana, enquanto a “communitas” é com frequência especulativa e geradora de imagens e idéias filosóficas”. No caso dos integrantes do “Reisado Encanto da Terra”, essas idéias geraram algo concreto: a “sociedade mão amiga”. Seu criador e peça fundamental para sua concretização explica melhor:

Aqui é uma sociedade que agente tá montando aqui, do grupo, entendeu? Você vê que todos nós , agente tem dificuldade. Eu chamei todo mundo, fizeram a reunião tudinho, para nós fazer, para nós amontar uma sociedade dentro do nosso grupo e mais algumas pessoas , as vezes adocece, ai não tem, é uma dificuldade para arrumar as coisas, agente precisamos tá fazendo esse trabalho. Agente tá cooperando, cada dá um real, junta de todo mundo, aí dezembro agente dá aquele balanço. É um realzinho todo mês que pagamo. Se no caso, um adoecer e precisar de um médico, comprar um remédio, aí agente tem que se reunir. Eu sou o coordenador mas parece que tem mais quatro pessoas. Tamo montando a diretoria. Aí tem o tesoureiro, assessor, tem que prestar conta com os sócios. Essa nossa sociedade aqui, agente chama de mão amiga, né? Tem 44 pessoas para esse ano. Aqui tem os brincante que perde serviço, é só dormir e fazer aquela festa. Os brinquedos, é tudo aquele gasto, agente mesmo que faz. Não tem aquele terreno ali? No caso o pessoal monta associação lá. Primeiramente eles tem que ter um pistolão, lá junto com o prefeito, tudinho, para eles montar isso aí. Aí pede projeto para a associação. Aqui é nós mesmo, não tem nada de projeto. Ali tem projeto de água, de luz, todos os moradores daquele terreno vão participar. Aí é associação. Enquanto nós aqui, nossa sociedade, é para nós mesmo. Quando tiver o dia-a-dia de cada um. Por exemplo, esse rapaz que chegou aqui, antigo que brinca comigo, pegou um negócio de febre aí, não sei nem que febre era aquela passou quase um mês e pouco aí doente e agente teve que ajudar. Agente ia lá, ele sem poder trabalhar nem nada. As vezes, nem todos os brincantes sabem que a pessoa tá doente, a pessoa tá necessitando e com nossa sociedade, todos nós vamos saber, porque quando a pessoa precisar, nós chamamos todo mundo na reunião e bora fazer isso aqui, que fulano tá precisando disso aqui. Não querendo mexer naquele bocado que nós tá ajuntando, nós tem que mexer no bolso, ajuntar um real, cinqüenta centavos, nós tem que fazer um vaquinha para comprar qualquer coisa que ele tiver necessitando. É desse jeito. (CHINÊS, SEBASTIÃO, maio de 2008)

Uma vez que as técnicas e teorias não são neutras e que mudanças nos métodos de análise certamente provocam o surgimento de novos sentidos para o próprio objeto, espero ter contribuído de alguma forma com essa manifestação das culturas populares maranhense e principalmente para os sujeitos que a faz existir. Com desejo de aprofundar meus estudos e o material disponível sobre o ritual, viso a produção de um filme documentário sobre o Reisado Careta no Maranhão e seus integrantes, com os quais o sentido da reciprocidade está apenas começando.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Maria. **“Viva Pareia” – a arte da brincadeira ou a beleza da safadeza- uma abordagem antropológica da estética do Cavalo-Marinho.** Dissertação (Mestrado em Antropologia), IFCS – UFRJ, 2002.
- ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 3.ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil.** Ed. Itatiaia Limitada, 1934.
- ARANHA, Marcos de Castro. **Mestres de São Luís: a história da capoeira angola contada por seus mantenedores.** Monografia de graduação (Comunicação Social), UFMA, 2008.
- AYRES, Bráulio. **Cazumbá, máscaras e vodus.** São Luís: Boletim C.M.F.. N.13 p.10 ,1999.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKTHIN, Michael. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Brasília: Hucitec, 1999.
- BARBOSA, Marise. **Mulheres que dão no couro.** São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006.
- BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento. Boi e Reisados de Caretas.** Tese (Doutorado em Sociologia), UFC, 2007.
- BAZZO, Ezio Flávio. **Máscaras e disfarces.** Distrito Federal:Galymar, 1994.
- BENJAMIN, Roberto. **Pequeno Dicionário de Natal.** Recife: Secretaria Estadual de Cultura, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Folguedos e Danças de PE** .Recife:1989.
- BITTER, Daniel. Encaretados: As várias faces de um brincante. IN: **Caretas de Cazumba,** de BITTER, Daniel, PACHECO, Gustavo, MAZZILO, Maria. Rio de Janeiro: Associação Caburé, 2006.
- BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular.** São Paulo: Ed.Huatec, 1984.
- BOAS, Franz. **Primitive Art.** Ed. Dover, 1927.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços.** São Paulo. Editora UNESP, 2003.

BORRALHO; SOBRINHO; TEIXEIRA. **O palco imaginário maranhense**. São Luís: Ed. SIOGE, 1993.

\_\_\_\_\_, Tácito Freire. **O boneco: do imaginário popular maranhense ao teatro**. São Luís: SEC/MA, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. IN: **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrad Brasil/Difel, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. FUNARTE, 1977.

BRANDÃO, Theo. **Reisados e Guerreiros**, Revista do Instituto Histórico de Alagoas, volume xxiv, Maceió: Imprensa Oficial, 1947.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALDEIRA, José de Ribamar C. **O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX**. AML SIOGE, 1984.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. **As culturas populares no capitalismo**. São Paul.: Brasiliense, 1983.

CARDOSO, Manuel. **O Maranhão por dentro**. sem data.

CARETA. Canto de Entrada. Babau ou Cavalo Velho. Cabeça de Fogo ou Nega Véia. Intérprete: Raimundo Miranda Lima, Filomeno Claro de Araújo, Lindomar Ribeiro da Silva, José Ribamar de Oliveira. IN: **Maranhão de Natal**. [São Luís]: FUNCMA-Série Sabiá, 2001. 1 CD. Faixas 10,11 e 12.

CARNEIRO, Édison. **Folgedos Tradicionais, Etnografia e Folclore/Clássicos 1**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

CARVALHO, José Jorge de. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria de entretenimento, IN: **Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas**. Rio de Janeiro: Funarte, Iphan, CNFCP, 2004.

\_\_\_\_\_. **As duas faces da tradição. O clássico e o popular na modernidade Latinoamericana**. Brasília: Série Antropologia, nº 109, 1991.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **A graça de contar: narrativas de um Pai Francisco no Bumba-meu-Boi do Maranhão**. Tese (Doutorado em Antropologia), IFCS-UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. Os espetáculos de rua do Largo da Carioca como ritos de passagem. IN: **Revista do IPHAN**, n. 28, 1999.

CARVALHO, Maria Michol Pinto de. **Matracas que desafiam o tempo: É o Bumba-Boi do Maranhão : um estudo da tradição/modernidade na cultura popular**. São Luís: Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. **Contos Tradicionais do Brasil**. Coleção Prestígio. Edições de Ouro. Sem data.

CAVALCANTE, Raphael e TORRES, Lúcia Beatriz. Festas de Santos Reis. IN: **Salto para o Futuro. Aprender e Ensinar nas festas populares**. Boletim 2. TVescola. Ministério da Educação, 2007.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Cultura popular e sensibilidade romântica**. São Paulo: Rev. Bras. De Ci Soc. Vol. 19, nº 54, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos no espetáculo**. São Paulo: Ver. Antropol. Vol. 45 n1, 2002.

\_\_\_\_\_. **Espetacularidade, significado e mediação: as alegorias no carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Cadernos de Antropologia e Imagem, 2001.

\_\_\_\_\_. **Um Olhar sobre a cultura brasileira**. (org. Márcio de Souza e Francisco Weffort). FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998.

CORRÊA, José Ribamar Guimarães. **Festa do Reisado em Caxias**. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977.

COSTA, Vanessa Machado. **A máscaras e o ator mascarado no auto do Bumba-Meu-Boi do Maranhão e sua contribuição na Formação Estética do Educando**. Monografia de Graduação (Educação Artística), UFMA, 2007.

CUNHA, Antonio Honady Furtado. **Pedra de Encataria: um estudo etnográfico de um terreiro de mina em São Luís**. Monografia de Graduação ( Ciências Sociais), UFMA, 2002.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis; para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DIAS, Gonçalves. Morro do Alecrim. IN: **Primeiros Cantos**. Itatiaia, 1998.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Editora afiliada, 2006.

\_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FERREIRA, Bruno Soares. **Símbolos na capoeira: da alquimia a física quântica**. Monografia de Graduação (Comunicação Social), UFMA, 2007.

FERREIRA, Euclides Menezes. **A Casa Fanti-Ashanti e seu alaxé**. São Luís: Ed. Alcântara, 1987.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti**. 2.ed.. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Dimensões da cultura: popular, erudita**. 2007.

Disponível no site < [www.gpmina.ufma.br](http://www.gpmina.ufma.br) >

Acesso em 03 de fevereiro de 2009.

\_\_\_\_\_.(org.) **Tambor de Crioula: ritual e espetáculo**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.

\_\_\_\_\_.**Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

\_\_\_\_\_.**Querebentan de Zomadonu. A etnografia da Casa das Minas**. São Luís: Edufma, 1985.

FILHO, Hermilo. Borba. **Bumba-Meu-Boi**. Recife: 1965.

FRANCHETTI, Paulo. **Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa**. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2007.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma antropologia interpretativa da cultura. IN: **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_.**Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GOMES, Pinharanda. Ensaio Etiológico sobre a Máscara. IN: **Máscara Ibérica, vol 1**. Caixotim, 2006.

GONÇALVES, Jandir. **Jandir Gonçalves**: depoimento [ jan. 2008].

Entrevistador: Juliana Manhães. São Luís, 2008. 1 cd-room (60 min), áudio-visual.

Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado do entrevistador.

HOLLANDA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

IBGE. **População recenseada e estimada, segundo os municípios – Maranhão- 2007**.

Disponível no site: < [www.ibge.gov.br/home/estatística/população/contagem2007](http://www.ibge.gov.br/home/estatística/população/contagem2007) >

Acesso em 23 de julho de 2008.



- JUNGE, Peter. **Encarte da exposição Arte da África**, Rio de Janeiro: CCBB, 2004.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. 2.ed. Prefácio e tradução de Luís da Câmara Cascudo. Recife: SEC; Departamento de Cultura, 1978.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Magia e Religião. IN: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- LODY, Raul. **Cazumbá: Máscara e drama no Boi do Maranhão**. FUNARTE, 1999.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão**. 3ª ed. São Luís: Edições AML, 2008.
- MATEUS, São. Evangelho de São Mateus. IN: **A Bíblia Sagrada. Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1990.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MAZOCO, Eliomar Carlos. **O congo de máscaras**, editora da UFES, 1993.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria**. Secult, 1997.
- NUNES, Izaurina M. de Azevedo. **Os visitantes da hora do galo: Um estudo sobre o Pastor em São Luís**. São Luís: Secretaria de Cultura do Estado, 1997.
- OLIVEIRA, Mariana Silva. **O jogo da cena do Cavalo Marinho: diálogos entre teatro e brincaderia**. dissertação (Mestrado em Teatro). Rio de Janeiro: CLA, PPGT, UNIRIO, 2006.
- OLIVEIRA, Noé Mendes de. **Folclore Brasileiro – Piauí**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.
- PACHECO, Gustavo, GOUVEIA, Cláudia, ABREU, Maria Clara. **Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.
- PASSARELLI, Ulisses. **Tipologia dos Reisados Brasileiros: Estudo Preliminar**. Natal: 2006.  
Disponível em: < [www.csr.xpg.com.br/tipologia.doc](http://www.csr.xpg.com.br/tipologia.doc) >  
Acesso em 22 de junho 2009.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PINTO, Louis. Experiência vivida e exigência científica de objetividade. In: CHAMPAGNE, Patrick et al **Iniciação à prática sociológica**, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. IN: FERREIRA, M & AMADO, J (Orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2005.

PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa**. São Luís: EDUFMA, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível” (1988). IN: **Pesquisa em ciências sociais: Olhares de Maria Isaura P. de Queiroz – Textos CERU – Série 2- nº 10**, Ed. Humanitas, 2008.

RAMOS, Albani. **Brinquedos Encantados**. Ed. Geia, 2003.

ROMERO, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

TIZA, António Pinelo; FERREIRA, Hélder; CALVO, Bernardo; ALVES, Oriana. **Máscara Ibérica**, vol.1, Caixotim,2006.

\_\_\_\_\_. **Inverno Mágico. Ritos e Mistérios Transmontanos**. Lisboa: Ésquilo, 2004.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Barkók**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. 1997.

TURNER, Victor W. **Symbolic Studies**. Annual Review of Anthropology, vol 4 , 1975.

\_\_\_\_\_. **O Processo Ritual. Estrutura e Anti-Estrutura**. Petrópolis:Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu**. Rio de Janeiro: ed . UFF, 1967.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VASCONCELOS, Gisele Soares de. **O cômico no bumba-meu-boi**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFMA, 2007.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. **A capoeira no/do Maranhão:algumas questões para reflexão**. Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica. volume 10, número 01, 2007.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore Brasileiro - Maranhão**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

## **FIGURAS**



Ilustração 1: Máscara de careta do grupo "Caretta Encanto da Terra", Caxias, MA.



Ilustração 2: Babau do grupo "Caretta Encanto da Terra", Caxias, MA.



**Ilustração 3: Burrinha dançando no terreiro.**



**Ilustração 4: Nega-Véia dançando no terreiro.**





**Ilustração 5: Brincantes no caminhão, de Campos de Belém para Lagoa Feia.**



**Ilustração 6: Sebastião Chinês, em frente a uma casa que anuncia em sua parede a realização de uma festa para *Santo Reis*, no dia 05 de janeiro.**



Ilustração 7: Promesseira em frente ao altar, com a bandeira de *Santo Reis*, do “Caretá Encanto da Terra”, segurando a tradicional imagem dos Reis entregando seus presentes ao menino Deus.



Ilustração 8: Leilão do festejo do dia 06 de janeiro, em Campos de Belém.





**Ilustração 9: Dona Nair, rezadeira e dona de "Reisado Careta" na Barra do Ininga, MA e sua rabeca.**



**Ilustração 10: Foliões da Divindade de Campos de Belém, Caxias, MA.**



